



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JULIANA DOS SANTOS LIMA

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DE EMILIA
FERREIRO, VISANDO HIPÓTESES COLETADAS NA TURMA DE 2º ANO DA
ESCOLA PROFESSORA FRANCISCA FLOR, EM SANTA CRUZ DA BAIXA
VERDE-PE**

SERRA TALHADA-PE

2018

JULIANA DOS SANTOS LIMA

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DE EMILIA
FERREIRO, VISANDO HIPÓTESES COLETADAS NA TURMA DE 2º ANO DA
ESCOLA PROFESSORA FRANCISCA FLOR, EM SANTA CRUZ DA BAIXA
VERDE-PE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST), como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras, habilitação Português/ Inglês.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Jane Cristina Beltrami
Berto

SERRA TALHADA-PE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

L732p Lima, Juliana dos Santos

O processo de alfabetização na perspectiva de Emília Ferreira, visando hipóteses coletadas na turma de 2º ano da Escola Professora Francisca Flor, em Santa Cruz da Baixa Verde-PE / Juliana dos Santos Lima. – Serra Talhada, 2018.

69 f.: il.

Orientadora: Jane Cristina Beltramini Berto

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2019.

Inclui referências e apêndices

1. Alfabetização. 2. Aprendizagem da escrita. 3. Escrita – Estudo e ensino. I. Berto, Jane Cristina Beltramini, orient. II. Título.

CDD 400

JULIANA DOS SANTOS LIMA

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DE EMILIA
FERREIRO, VISANDO HIPÓTESES COLETADAS NA TURMA DE 2º ANO DA
ESCOLA PROFESSORA FRANCISCA FLOR, EM SANTA CRUZ DA BAIXA
VERDE-PE**

Monografia apresentada e aprovada em: ____/____/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Jane Cristina Beltramini Berto
(Orientadora/Presidente – UAST-UFRPE)

Profª Drª Lilian Noêmia Torres de Melo Guimarães
(1º Examinadora – UAST-UFRPE)

Profª Drª Maria de Fátima Silva dos Santos
(2º Examinadora – UAST-UFRPE)

Dedico este trabalho aos meus queridos e amados pais, Rosicleide e Gilberto, que sempre estiveram do meu lado incentivando, apoiando e cuidando de mim, pois são eles e por eles que tento superar meus medos e minhas dificuldades em busca de vencer cada obstáculo e crescer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente pela vida e por todo amparo, pois sei que em todos os momentos Ele esteve comigo iluminando meu caminho e colocando na minha vida pessoas em quem eu possa confiar e amar.

Agradeço a meus pais Rosicleide e Gilberto que sempre batalharam a vida inteira por suas filhas, fazendo-nos sempre priorizar os estudos. Meus pais são todo o amor e perseverança que reside no meu ser.

Agradeço ao meu namorado Francisco Clebson, pelo incentivo e apoio durante todo o percurso da graduação. Obrigada pela dedicação, pelas ajudas com os trabalhos, pelo seu amor, carinho e seu bom humor. És uma pessoa admirável com uma alma linda que transpira paz para aqueles que convivem contigo.

Agradeço minhas duas irmãs Jamily Raely e Jaqueline, por suas constantes presenças em minha vida dando apoio em momentos mais complicados. Sei que em qualquer momento que precise, vocês estarão comigo sempre, assim como também estarei com vocês.

Agradeço ao meu lindo e amado sobrinho que apesar de ser pequenino não sabe o bem que me faz, pois sua energia me faz renovar as minhas energias.

Agradeço as minhas amigas e companheiras de graduação Rejane Ferreira e Aiane Erica, pelo crescimento, compartilhamento de alegrias, dúvidas e angústias, pela amizade e companhia agradável durante esta jornada.

Agradeço a minha amiga Tatiane Dark que no último ano esteve muito presente na minha vida se mostrando uma ótima companheira sempre disposta a ajudar.

Agradeço a minha orientadora, Profa Dra. Jane Cristina Berto, pelas generosas e importantes contribuições no direcionamento deste trabalho. Obrigada pela confiança e pelo respeito a mim demonstrados e pela disponibilidade e atenção.

Agradeço também a professora colaboradora e a direção que gentilmente permitiram a realização da pesquisa na Escola Municipal Professora Francisca Flor.

Agradeço profundamente a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, meu sincero agradecimento.

RESUMO

Esse estudo visa compreender as fases pelas quais a criança atravessa para aprender a ler e a escrever. Para tanto, foi realizada uma pesquisa acerca do processo de construção das hipóteses de escrita da criança na fase da alfabetização visando entender como a criança concebe a escrita, tendo como embasamento teórico as pesquisas de Emília Ferreiro e outros colaboradores sobre a aprendizagem da escrita da criança. Faremos nesta pesquisa uma análise dos níveis de escrita das crianças do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Francisca Flor localizada na cidade de Santa Cruz da Baixa Verde, com a finalidade de detectar quantos alunos se encontravam em cada nível alfabético e analisar o desempenho dos alunos em uma produção de texto com base nos estudos de Ferreiro (1980). Na metodologia, fizemos uso de uma pesquisa de caráter colaborativa, tendo como instrumento de coleta de dados duas atividades, a primeira denominada por sondagem e outra de produção de texto acerca da realidade social local. Os resultados da primeira atividade de sondagem, diante dos critérios escolhidos pela autora, demonstraram: 02 alunos (dois) estão no nível pré-silábico; 04 (quatro) estão no nível silábico; 06 (seis) estão no nível silábico-alfabético; 09 (nove) estão no nível alfabético, totalizando 21 participantes. Já a atividade de produção textual apresentou resultados diferenciados: dos 21 alunos que participaram da pesquisa apenas 1 (um) não conseguiu realizar a atividade enquanto que 09 (nove) alunos empregaram hipóteses de escrita, sem designar como textos; 08 (oito) alunos produziram textos classificados como regulares e 04 (quatro) alunos produziram textos classificados como satisfatórios, segundo os parâmetros da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: aquisição da escrita; processo de alfabetização; níveis de escrita.

ABSTRACT

This study aims to understand the stages through which the child crosses to learn to read and write. In order to do so, a research was carried out on the process of constructing the children's writing hypotheses in the literacy phase in order to understand how the child conceives writing, based on research by Emília Ferreiro and other collaborators on the learning of children's writing . We will carry out in this research an analysis of the writing levels of the children of the 2nd year of Elementary School of the Municipal School Professor Francisca Flor located in the city of Santa Cruz of Baixa Verde, in order to detect how many students were in each alphabetical level and to analyze the performance of students in a text production based on studies by Ferreiro (1980). In the methodology, we made use of a research of collaborative character, having as instrument of data collection two activities, the first denominated by probing and another one of production of text about the local social reality. The results of the first polling activity, according to the criteria chosen by the author, showed: 02 students (two) are at the pre-syllabic level; 04 (four) are at the syllabic level; 06 (six) are at the syllabic-alphabetic level; 09 (nine) are on the alphabetical level, totaling 21 participants. On the other hand, the textual production activity presented different results: of the 21 students who participated in the research, only 1 (one) was not able to perform the activity, while 9 (nine) students used writing hypotheses, without designating them as texts; 08 (eight) students produced texts classified as regular and 04 (four) students produced texts classified as satisfactory, according to the research parameters.

KEY WORDS: acquisition of writing; the literacy process; levels of writing.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Entrada da Escola Municipal Professora Francisca Flor.....	37
Imagem 02: Alunos do 2º ano durante a atividade.....	43
Imagem 03: Produção da atividade de sondagem do A1.....	45
Imagem 04: Produção da atividade de sondagem do aluno A2.....	47
Imagem 05: Produção da atividade de sondagem do aluno A3.....	49
Imagem 06: Produção da atividade de sondagem do aluno A4.....	50
Imagem 07: Momento em que os alunos produziam o texto.....	54
Imagem 08: Momento em que os alunos produziam o texto.....	54
Imagem 09: Produção textual do T1 na turma do 2º ano.....	55
Imagem 10: Produção textual do T2 na turma do 2º ano.....	56
Imagem 11: Produção textual do T3 na turma do 2º ano.....	58

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Resultados.....	33
---------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico1 Perfil dos alunos (zona rural/zona urbana).....	39
Gráfico2 Perfil dos alunos (faixa etária).....	39
Gráfico3 Perfil dos alunos (sexo feminino/masculino).....	40
Gráfico4 Níveis da alfabetização.....	44
Gráfico5 Produção Textual.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I	16
1. ALFABETIZAÇÃO: UM PERCURSO HISTÓRICO.....	16
1.1 A história da alfabetização.....	16
1.2 O que é alfabetização?.....	18
1.3 O que é letramento?.....	19
1.4 Alfabetizar letrando.....	20
1.5. Métodos de alfabetização.....	21
1.6 Emília Ferreiro.....	23
1.6.1 Psicogênese da Língua Escrita.....	25
1.6.1.1 Nível Pré-Silábico.....	27
1.6.1.2 Nível Silábico.....	27
1.6.1.3 Nível Silábico-Alfabético.....	28
1.6.1.4 Nível Alfabético.....	28
CAPÍTULO II.....	30
2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	30
2.1 Estado da arte.....	30
2.2 Tipo de pesquisa.....	34
2.3 <i>Locus</i> da pesquisa.....	35
2.4 Instrumentos de coleta de dados.....	36
2.5 Escola Municipal Professora Francisca Flor.....	36
2.6 Sujeitos da pesquisa.....	39
CAPÍTULO III.....	42
3 O PROCESSO DE ESCRITA: ANÁLISE DA PRODUÇÃO TEXTUAL	42
3.1 Sondagem.....	42
3.1.1 Análise de uma produção escrita considerada Pré-Silábica.....	45
3.1.2 Análise de uma produção escrita considerada Silábica.....	46
3.1.3. Análise de uma produção escrita considerada Silábica-Alfabética.....	48

3.1.4 Análise de uma produção escrita considerada Alfabética.....	50
3.2 Análises de Produções de Texto.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICE.....	63
Apêndice 1.....	63
Apêndice 2.....	65
Apêndice 3.....	67

INTRODUÇÃO

O tema da alfabetização de crianças ganha destaque nos anos de 1970 a com as pesquisas desenvolvidas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a Psicogênese da Língua Escrita, e principalmente, nas décadas de 1980 e 1990, com a divulgação desse trabalho por toda a América Latina. O livro trata de como as crianças constroem o conhecimento mostrando o processo pelo qual as crianças adquirirem a leitura e a escrita passando por diversos níveis estruturais da aquisição da linguagem escrita

Para Ferreiro (1996) citado por Duarte (2008) a leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aquisição da escrita devem ser consideradas como produções de grande importância, porque a partir da prática ela desenvolve satisfatoriamente a escrita.

Diante disso, o presente trabalho tem como principal objetivo analisar o processo de alfabetização na perspectiva de Emilia Ferreiro, visando hipóteses coletadas na turma de 2º ano da Escola Professora Francisca Flor da cidade de Santa Cruz da Baixa Verde.

A socialização dessa pesquisa analisa os processos pelos quais as crianças chegam à aprendizagem da leitura e da escrita, compreendendo o desenvolvimento da escrita das crianças que passam por quatro níveis até estar alfabetizada: o nível pré-silábico, quando a criança ainda não consegue associar a letra ao som; o nível silábico, quando a criança atribui valor de sílaba para letras; o nível silábico-alfabético, quando a criança começa compreender que cada letra corresponde a um som, ocorrendo assim casos do nível silábico; nível alfabético ocorre quando a criança já está dominando o valor das letras e das sílabas (FERREIRO, 1980).

Considerando tais níveis da alfabetização estudados por Emilia Ferreiro e seus colaboradores no processo da aquisição da escrita, realizamos uma pesquisa na Escola Professora Francisca Flor, localizada na cidade de Santa Cruz da Baixa Verde-PE. Para tanto, fizemos a coleta de dados com 21 alunos utilizando duas atividades, uma de sondagem e outra de produção de texto.

As atividades analisadas tiveram como critério observar em uma turma heterogênea, onde pudesse encontrar alunos da zona rural e zona urbana, gênero feminino e masculino e de idade média entre sete a oito anos, em uma mesma turma de alfabetização. Para a coleta de foi utilizado uma atividade de sondagem para poder observar o nível de alfabetização dos alunos. Posteriormente, na produção de texto foram escolhidas três produções com o desempenho diverso, classificadas como inadequada, regular e satisfatória. Lembramos que a análise não teve o propósito de rotular a turma, mas considerar que no final de ano algumas crianças conseguiram se desenvolver mais do que as outras, dentre a diversidade de alunos de perfis variados.

Segundo Soares (2016, p. 41), os estudos de Ferreiro abordam a alfabetização em que o professor deixa de ser o principal responsável pelo processo de aquisição da escrita fazendo com que o aluno se torne o principal ator no processo de construção do conhecimento. No processo de aquisição da língua escrita, as crianças são os aprendizes, aprendem os sistemas, códigos ou símbolos, tentando, a sua maneira muito peculiar e curiosa, compreender seu processo de construção e suas regras de produção.

Assim, esse trabalho apresenta três capítulos, o primeiro é composto pela fundamentação teórica, em que buscamos trazer informações relevantes sobre a área de estudo, abordando a história, o conceito e os métodos da alfabetização, a nova abordagem atual de alfabetizar letrando e também, dados sobre a autora Emilia Ferreiro e sua obra, “A psicogênese da Língua Escrita” que irão embasar todo o estudo dessa pesquisa.

O segundo capítulo apresenta os pressupostos metodológicos trazendo em si um tópico do Estado da Arte com o objetivo de trazer resultados de três outras pesquisas que foram realizadas com o mesmo tema, em seguida apresentamos detalhadamente características da pesquisa e detalhes do campo pesquisado. Este é o momento de conhecer mais a fundo o ambiente onde ocorreu a coleta de dados.

O terceiro capítulo é reservado para a apresentação à análise dos dados coletados na pesquisa, mostrando a criança em aquisição da escrita, levando-nos a entender a construção das hipóteses infantis defendida por Emília Ferreiro.

Concluimos com as atividades, análises e os resultados, considerações finais e referências.

CAPÍTULO I

1. ALFABETIZAÇÃO: UM PERCURSO HISTÓRICO

Depois do final do século XIX a educação ganha destaque e a escola, por sua vez, se universaliza assumindo um importante papel como instrumento de modernização e progresso, diminuindo a quantidade de pessoas não alfabetizadas.

Um ser alfabetizado, pode-se dizer que é aquele que consegue ler e escrever, pensando no processo de alfabetização como forma uma mecânica de juntar letras e reconhecer sons. Podemos descrever o processo de alfabetização como uma “técnica” alfabetização. De acordo Ferreiro (1996, p.24, *apud* DUARTE 2008, p.2), “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.”. A pesquisadora quis dizer que a criança entra em contato com a língua desde cedo, até mesmo antes de chegar à escola. Além disso, possuem vivências que as possibilitam entrar em contato com o mundo letrado.

Faz-se necessário que o professor forneça atividades em que o aluno possa explorar os seus conhecimentos prévios, desenvolva momentos em que a criança possa refletir sobre a escrita alfabética respeitando os estágios de desenvolvimento da alfabetização que se dar através do contato com o mundo letrado.

Pensando nesta perspectiva adotaremos o letramento como novo termo da atualidade em que se defende que um indivíduo entra em contato com a leitura e a escrita em diferentes contextos não só nos espaços privilegiados, como a escola. Neste caso o processo de alfabetização prefere ser nominado nesta perspectiva como alfabetizar letrando em que a criança adquire capacidades de ler e escrever, de forma que também entende a funcionalidade da leitura e da escrita nas práticas sociais.

1.1 A História da Alfabetização

Neste tópico trataremos sobre a história da alfabetização. Para tanto, faz-se necessário destacar que a educação brasileira não possui tantos materiais concretos para

esse estudo. O conhecimento, nesta área, é extremamente rudimentar e carente em suas interpretações, resultantes de uma ausência de tradição de pesquisa.

Analisando o processo de elaboração de um guia de fontes para a história da educação brasileira, revela-nos a árdua caminhada a ser enfrentada por aqueles que ousam ler e escrever a nossa história. O acesso aos arquivos é terrível, quer pela heterogeneidade das instituições, que adotam práticas classificatórias diferenciadas das fontes, quer pela ausência de guias e catálogos e, quer ainda, pelo descaso para com o acervo em termos de extravio, perda, roubo, deterioração dispersão, destruição. (NUNES, 1992 *apud* SILVA, 1998, p.52).

Ainda sobre os empecilhos, Nunes aponta que o maior volume da documentação para realizar as pesquisas sobre a história da educação vai abranger da segunda metade do século XIX e o início do XX. Já no período da colônia e do império são os períodos menos estudados e que apresentam maior dificuldade de acesso às fontes.

A escassez de documentos para acessar arquivos e conhecimentos para compreender a história da educação brasileira, a alfabetização especificamente, só nos mostra que é recusado a história de uma parte e se não a principal formação enquanto estudante.

Em se tratando de relatar o surgimento da alfabetização é difícil fazer um estudo historiográfico, uma vez que os dados encontrados estavam voltados apenas para aos métodos de alfabetização e os dados estatísticos, e os aspectos por meio dos quais a criança aprende a ler e escrever.

Comenta Cavalcante ([2008-2018?]), o princípio da educação no Brasil:

Analisando o período histórico do Brasil, a partir da colonização, no século XVI, com a vinda dos jesuítas em 1549, percebemos que nesse período, inicia-se no Brasil o processo de alfabetização, ou seja, o ensino de primeiras letras, dos nativos e dos filhos dos colonos. Com a educação jesuítica, a preocupação era estabelecer escolas e ensinar as crianças a ler, escrever, a contar e a cantar. (CAVALCANTE, 2008-2018, p.4)

Analisando a história da educação no Brasil o principal objetivo era inserir uma nova língua para os nativos em um processo de reconstrução da identidade. E com esse intuito, surgem as primeiras escolas e os primeiros professores jesuítas.

[...] é importante não tratar pedagogicamente a própria "História da alfabetização" reconstruir sentidos e acontecimentos, propor começos e fins, fazendo o sujeito viver como se sua história não fosse como foi, refazendo a história do alfabetizado e do analfabeto: produzindo

magicamente um novo sujeito. (ARAUJO, p. 6 *apud* SILVA, 1998, p.42).

Os jesuítas foram responsáveis por iniciar a alfabetização em nosso país com duração de 210 anos. Com a criação das escolas nem todos durante esse período tinham acesso e assim esta instituição foi privatizada, afirma Paiva (2000), a certa altura da catequese dos índios, os próprios jesuítas vão julgá-las desnecessárias. E os colégios se voltam para os filhos dos colonos, sendo os jesuítas responsáveis pela educação das elites da colônia durante dois séculos seguintes.

Continuaremos no tópico seguinte a entender o conceito de alfabetização corroborando com o próximo tópico que iremos discutir os métodos mais relevantes usados até hoje para alfabetizar um indivíduo.

1.2 O Que é Alfabetização?

A alfabetização nos remete aos anos iniciais na escola sendo que o processo de alfabetização vai, além disso, o indivíduo pode ser alfabetizado antes de entrar em uma instituição de ensino. A escola vai surgir justamente para propagar a cultura popular letrada e proporcionar o acesso à escola.

Pode parecer simples definir o termo “alfabetização”, pois qualquer pessoa com pouca instrução vai dizer que um ser alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever. Para Soares, (2009, p.2016), “alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar alfabeto. Alfabetizar é ensinar a ler e a escrever, é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever”.

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa, alfabetização é o ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras; processo de aquisição de códigos alfabéticos e numéricos; ato de propagar o ensino ou difusão das primeiras letras.

O conceito de alfabetização para Paulo Freire tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, “possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social” (FREIRE, 1991, p. 68 *apud* GADOTTI)

Freire¹ mostra uma crítica quando se traz o conceito de alfabetização como uma mera ação de ensinar a ler e escrever, mas possibilita a leitura de mundo, fazendo-nos remeter ao termo letramento utilizado para mostrar que apesar do indivíduo ainda não ter o domínio da leitura e escrita ele usufrui das práticas letradas.

1.2 O que é letramento?

O letramento e a alfabetização apresentam conceitos diferentes, o processo para alfabetizar é um, enquanto o de letrar é outro, no entanto a alfabetização e o letramento são indissociáveis precisam se unir nos anos iniciais da criança.

Pode-se dizer que conceito de letramento “é um processo mais amplo que a alfabetização e que deve ser compreendido como um processo sócio-histórico.” (TFOUNI 2010, p. 23 *apud* GRANDO, 2012, p.4), a alfabetização é um componente do letramento. Contudo, o letramento é o ato ler e escrever de modo que a criança não apenas decodifique as palavras, mas entenda o que lê.

É considerado alfabetizado aquele que aprendeu o sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, ou seja, adquiriu a natureza linguística deste objeto, sendo, portanto, capaz de ler e escrever. Já o letrado é “não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita.” (SOARES, p.40 *apud* MELO, 2012, p.4.)

A fim de alcançar o letramento, o professor alfabetizador precisa juntamente com a escola proporcionar momentos de interação em que o aluno produza textos e leia textos de diferentes gêneros textuais, fazendo com que a criança se aproprie do sistema de escrita alfabética podendo inferir e refletir sobre características de diversos textos, formando leitores e escritores competentes.

¹ “O educador Paulo Freire concebeu uma epistemologia inovadora da educação em termos mundiais e foi reconhecido como o Patrono da Educação Brasileira em 2012 (Lei no 12.612, de 13 de abril de 2012)¹. A proposta de Paulo Freire da educação da libertação (ou educação problematizadora) se baseia na indissociabilidade dos contextos e das histórias de vida na formação de sujeitos, que ocorre por meio do diálogo e da relação entre alunos e professores. Freire enfatiza que ambos, professores e alunos, são transformados no processo da ação educativa e aprendem ao mesmo tempo em que ensinam, sendo que o reconhecimento dos contextos e histórias de vida neste diálogo se desdobra em ação emancipadora. A educação problematizadora busca estimular a consciência crítica da realidade e a postura ativa de alunos e professores no processo ensino-aprendizagem, de forma que não haja uma negação ou desvalorização do mundo que os influencia”. (CHIARELLA, 2015, p. 419).

1.4 Alfabetizar Letrando

Nestes últimos anos vem sendo debatido o tema alfabetizar letrando, discussões de diversos estudiosos, citamos Magda Soares considerada uma dos maiores nomes na área de alfabetização e letramento, com ênfase em ensino-aprendizagem, ela mostra que o acesso ao mecanismo da escrita não é suficiente para que o indivíduo participe da sociedade; é preciso ir além de ser alfabetizado e saber fazer uso da leitura e da escrita nos contextos sociais.

[...] a alfabetização desenvolve-se *no contexto de e por meio de* práticas sociais de leitura e escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p. 14 - *grifos da autora.*)

A alfabetização é um processo complexo em que a criança aprende a ler e escrever enquanto o letramento acontece no uso social da leitura e da escrita.

A ideia de alfabetizar letrando enfatiza que a alfabetização deve ocorrer em consonância com o letramento, significa orientar a criança a aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita,

Para alfabetizar letrando, deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, como escrever para alguém que não está presente (bilhetes, correspondência escolar), contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz etc. Assim, a escrita passa a ter função social (CARVALHO, 2011, p.69 *apud* SANTOS, 201-2018, p.8).

Isso significa que o professor ao propor a prática de leitura e de escrita, ele deve envolver o trabalho social aproveitando a vivência do aluno. Utilizando o contexto dos alunos, as realidades deles, os alunos começam a refletirem sobre o que aprenderam e assim ocorre o alfabetizar letrando.

O alfabetizar letrando atinge a qualidade na educação possibilitando práticas educacionais com diferentes metodologias, que proporcionem tanto o desenvolvimento da alfabetização quanto o desenvolvimento do letramento de cada sujeito, através do qual ele possa ser autor de sua vida e de transformações.

1.5 Métodos de Alfabetização

Os métodos de alfabetização são o foco de discussão nesta seção. O processo de alfabetização passou por muitas modificações no decorrer dos anos no que tange as questões de como a criança se apropria da ação de ler e escrever. A fim de contribuir para a compreensão desse processo, detalharemos alguns métodos que se destacaram por muito tempo na educação em nosso país.

Segundo Albuquerque (2007), a alfabetização considerada como o ensino das habilidades de “codificação” e “decodificação” foi transportada para a sala de aula, no final do século XIX, mediante a criação de diferentes métodos de alfabetização.

Os métodos de alfabetização no Brasil ao longo de muitos anos discutiram a alfabetização dividindo os métodos em dois grupos: os sintéticos e os analíticos.

O grupo dos métodos sintéticos procura exaltar a parte menor para a parte maior. Os métodos sintéticos abrangem o método alfabético, o fônico e o silábico. Os métodos citados correspondem no ensino do sistema alfabético ortográfico de escrita com sua lógica de representação, de organização e de combinatórias. Detalharemos cada método: (i) o método alfabético consiste no aprendizado das letras do alfabeto, após a criança aprender as letras ela formaria sílabas juntando consoantes com as vogais para posteriormente formar palavras e finalmente o texto; (ii) o método fônico consiste no aprendizado do som das letras, a criança reconhece o som da consoante junto com o som das vogais e forma sílabas; (iii) o método silábico que corresponde a silabação em que a criança aprende as sílabas para posteriormente formar palavras.

[...] a alfabetização ocorria por um processo lento e complexo. Iniciava-se pela aprendizagem das 24 letras do alfabeto grego e as crianças tinham que decorar os nomes das letras (alfa, beta, gama etc.), primeiro na ordem alfabética, depois em sentido inverso. Somente depois de decorar os nomes é que era apresentada a forma gráfica. A tarefa seguinte era associar o valor sonoro (antes memorizado) à respectiva representação gráfica (escrita). As primeiras letras apresentadas eram as maiúsculas, distribuídas em colunas, depois vinham as minúsculas. Quando os aprendizes haviam memorizado a associação das letras às formas, processo semelhante era feito com as famílias silábicas, iniciando-se pelas sílabas simples (beta-alfa = ba; beta – é = bé; beta – eta = bê), decoradas em ordem, até se esgotarem todas as possibilidades combinatórias. Mais tarde, vinha o estudo das sílabas trilíteras e assim por diante. Concluído o

estudo da sílaba, vinham os monossílabos, depois os dissílabos, trissílabos e assim sucessivamente, como fazem as cartilhas. Os primeiros textos apresentados vinham segmentados em sílabas, depois eram apresentados em escrita normal, mas sem espaço entre as palavras e sem pontuação, fato que tornava a escrita mais complexa que a atual. (MARROU, 1969 *apud* MENDONÇA, [2010-2018?], p.24)

A citação acima demonstra de forma resumida o método sintético cujo processo de alfabetização acontece de forma mecânica, inicialmente através da soletração decorando todas as letras do alfabeto, posteriormente fazendo a junção de letras formando sílabas, reconhecendo o som de cada letra, juntando consoantes e vogais, as crianças teriam que associar o som as respectivas grafias para finalmente memorizar as famílias silábicas.

O método sintético tem como recurso as cartilhas utilizadas para facilitar a memorização apresentando um fonema e seu grafema. Este aprendizado é feito de forma repetitiva, tornando o processo cansativo e enfadonho para as crianças, fazendo com que os alunos não tenham a liberdade de pensar no processo de alfabetização.

O segundo grupo são os métodos analíticos, cujo processo de ensino corresponde à parte maior para as partes menores. Esses métodos escolhem trabalhar unidades completas de linguagem para depois dividi-las em partes menores. Os métodos analíticos são: (i) o método da palavração que consiste no contato em que a criança tenha com as palavras para posteriormente reconhecer alguns sons existentes na palavra (ii); o da sentencição tendo como principal objeto de aprendizagem o contato com a frase retirando unidades menores como as palavras e após as sílabas;(iii); o método global ou também conhecido como conto, o método é composto por um composto de unidades de leitura que obtêm começo, meio e fim, sendo ligadas por frases com sentido para formar um texto, fazendo uma análise das unidades menores.

[...] a realidade da criança, o processo de alfabetização ganharia significado, deixando de ser, portanto, tão complexo e abstrato. Ele parte da lógica de que, se as crianças aprendem a falar emitindo palavras inteiras e não pedaços delas, também aprenderão a ler e escrever com mais facilidade palavras com significado. Insistia-se que o professor deveria ficar o maior tempo possível na fase de exploração global de palavras, para só depois fazer a análise da palavra em sílabas. Esse autor reconhece ser de fundamental importância a decomposição da palavra em sílabas, bem como o seu estudo.(MENDONÇA, 2010-2018, p.27)

Os métodos da palavrção, sentencição ou o global possui a origem analítica, apontando a unidade maior que possui significado, para então fazer sua análise para unidades menores. Tomando como exemplo, uma palavra é analisada em sílabas assim caracterizando o método analítico e se diferi criando do método sintético que é o oposto.

Constata-se que nos dois grupos de métodos o aluno é tido como sujeito passivo e o professor é o principal responsável pelo conhecimento tornando o processo de alfabetização estático e abstrato.

Só a partir dos anos 80, com os estudos de Emília Ferreiro o aluno passa a ser o foco no processo de construção da aprendizagem com a teoria psicogenética² desenvolvendo reflexões acerca da alfabetização, definindo-a como processo de aquisição da língua escrita e considerando a escrita como objeto cultural. O impacto da teoria psicogenética no processo de aquisição da língua escrita provocando o fortalecimento de novas concepções sobre alfabetização, situando os aprendizes como sujeitos que constroem seus próprios conceitos acerca da língua escrita, como passamos a tratar.

1.6 Emilia Ferreiro

Neste tópico, dedicamos espaço a Emilia Ferreiro e suas pesquisas trazidas no livro, a *Psicogêneses da Língua Escrita*, escrito em conjunto com Ana Teberosky, com contribuições significativas já na fundamentação teórica na área da alfabetização, trazendo um novo olhar sobre a aquisição da língua escrita.

² A teoria psicogenética: “De base dialética, essas teorias, representadas por Jean Piaget (1896-1980), Vygotsky (1896-1934), Leontiev (1903-1979), Luria (1902-1977) e Wallon (1879-1962), chamados teóricos interacionistas, entendem a gênese do comportamento humano na perspectiva interacionista, em que sujeito e objeto interagem em um processo que constrói e reconstrói estruturas cognitivas. A principal contribuição dessas teorias à educação está na possibilidade de visualizar o sujeito na sua totalidade, compreendendo-o nos processos subjacentes a interação sujeito objeto, em que a escola tem o papel de desenvolver o pensamento/capacidade de analisar do aluno.” Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/psicog%C3%AAnese/7976/> Acesso em 15 dez.2018.

A psicóloga argentina, Emilia Beatriz Maria Ferreiro Shavi, doutorada pela universidade de Genebra, sobre orientação de Jean Piaget³, buscou compreender os mecanismos cognitivos da criança voltados para o processo de aprendizagem da leitura e escrita.

A partir de 1980, com a divulgação de seus livros sobre o processo da alfabetização, especialmente “A Psicogênese da Língua Escrita”, Emilia Ferreiro, pesquisadora argentina, torna-se uma grande influência para a história da alfabetização brasileira. Mudando as normas e concepções de alfabetização nos documentos oficiais, os Parâmetros Curriculares Nacionais da educação.

Os pensamentos de Emilia Ferreiro se tornam modelo para o ensino brasileiro, ao falar dos seus estudos associaremos logo ao construtivismo⁴, campo de estudo inaugurado pelas descobertas do biólogo suíço Jean Piaget no processo de aquisição e elaboração de conhecimento da criança. As pesquisas de Ferreiro concentram-se nos mecanismos cognitivos relacionados à leitura e à escrita.

Tanto Piaget quanto Emilia concluem que as crianças têm um papel ativo no aprendizado. Elas constroem o próprio conhecimento, daí a palavra construtivismo.

Segundo Emilia Ferreiro (1986), a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, tanto na escola quanto fora dela. Nesse contexto, não é a escola quem provoca a aprendizagem, mas a própria mente da criança que aprende.

Compreende-se que as pesquisas e os estudos sobre a alfabetização tratam sobre o que se ensinava como a criança aprendia sua língua materna, nem como se dava o desenvolvimento do processo cognitivo. Considerando a linha construtivista, na qual se insere Emilia Ferreiro, a criança deixa de exercer o papel de passiva no processo de aquisição da língua escrita para o papel ativo nesse processo.

³ “Jean Piaget (1896-1980) foi um renomado psicólogo e filósofo suíço, conhecido por seu trabalho pioneiro no campo da inteligência infantil. Piaget passou grande parte de sua carreira profissional interagindo com crianças e estudando seu processo de raciocínio. Seus estudos tiveram um grande impacto sobre os campos da Psicologia e Pedagogia”. Disponível: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/jean-piaget-biografia/53974>

⁴: “Construtivismo é uma teoria sobre a origem do conhecimento que considera que a criança passa por estágios para adquirir e construir o conhecimento. Tem como objeto de estudo da alfabetização a língua escrita” (NUNES, 1990).

“o construtivismo passa a ser visto como uma teoria fundamental da aprendizagem em que as crianças têm papel ativo no seu aprendizado, ou seja, elas constroem seu próprio conhecimento a partir da sua interação com a leitura e escrita, da valorização de seus conhecimentos prévios e da importância que exerce na obtenção de seu aprendizado.” (OLIVEIRA, LEÃO, [2000-2018?] p.06)

Na Psicogênese⁵ da Língua escrita desenvolvida por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, elas trazem conceitos predominantes da aprendizagem da leitura e da escrita no processo de alfabetização, buscando identificar os pressupostos teóricos do construtivismo, a fim de contribuir na prática pedagógica dos professores alfabetizadores repensando na aprendizagem numa abordagem construtiva, visando o sujeito construtor de sua aprendizagem.

1.6.1 Psicogêneses da Língua Escrita

Com a publicação do livro, “Psicogênese da língua escrita” em 1980, a área da alfabetização que era considerada defasada sem solução em se tratando de obter sucesso no processo de ensinar ler e escrever vem como uma esperança para reverter esta situação. E foi depois desta obra que os estudos voltam-se ao foco de compreender como são elaborados os pensamentos das crianças, frente à aprendizagem de leitura e escrita.

Ferreiro (1985), traz ideias no livro tratado diretamente vinculado ao construtivismo, em que defende o papel ativo do sujeito na construção do conhecimento. O termo construtivismo começou a ser utilizado na obra de Jean Piaget e desde então vem sendo apropriado por algumas abordagens.

O sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é aquele que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo lhe provoca. Não é um sujeito que espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele, por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo, e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 22 *apud* COSTA, 2014, p.3.).

Compreende-se que as concepções tradicionais em que a criança era um sujeito passivo e que dependia de estímulos externos para aprender. Na perspectiva psicogenética, diferentemente, a criança aprende a escrever escrevendo, aprende na prática. De acordo com esse pensamento, ao longo do processo para se adquirir a escrita

⁵ Significado: É a parte da Psicologia que se ocupa em estudar a origem e o desenvolvimento dos processos mentais, das funções psíquicas, das causas psíquicas que podem causar uma alteração no comportamento.

ocorrem os erros, tais erros vistos como parte primordial para desenvolver a aprendizagem.

[...]a construção de conhecimentos pelos sujeitos aprendizes ocorre por meio de conflitos cognitivos, ou perturbações, em um bom sentido, que forçam seus esquemas assimiladores a realizar novas acomodações. Segundo as autoras, é essencial detectar esses momentos sensíveis a conflitos e a contradições para que o professor possa ajudar as crianças “a avançar no sentido de uma nova reestruturação” (SOARES, 2016, p.39 *apud* FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 34).

Com base no exposto na citação, podemos resumir que as crianças já trazem junto a si os conhecimentos prévios sobre a leitura e a escrita, facilitando o processo da aprendizagem e conhecimento. Faz-nos pensar, também, sobre o papel do professor, que diferentemente do professor tradicional que era responsável inteiramente pelo processo de alfabetizar, nesta concepção, o professor vai mediar a criança a construir seu próprio conhecimento. Esta concepção possibilita reflexões sobre o funcionamento da escrita, desde primeiros contatos com a escrita em que é possível a criança construir hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da escrita.

Soares (2016, p.41 *apud* FERREIRO, 2001. p.16) afirma que o processo de aquisição da escrita na abordagem tradicional se dar através de uma técnica de transcrever os códigos linguísticos, enquanto seus estudos propõem desenvolver a escrita através do sistema de representação, a criança se apropria do conhecimento do objeto proporcionando uma aprendizagem conceitual. A crítica feita à abordagem tradicional demonstra que esta abordagem limita o aluno, faz com que ele se limite apenas a desenhar letras sem saber o que escreve, não impedindo que a criança expresse ideias acerca dos possíveis significados da informação produzida.

O indivíduo dominará a língua escrita à medida que ele escreve, tentando escrever do seu jeito e assim desenvolvendo-se gradativamente a compreensão do processo da escrita.

Ferreiro e Teberosky abordam a aquisição da escrita, percebendo que o desenvolvimento da escrita se dar através de níveis, classificando os níveis como: *pé-silábico*, *silábico*, *silábico alfabético* e *alfabético*.

Discutiremos em novas seções de forma detalhada todos os níveis citados separadamente, observando um a um, suas características peculiares.

1.6.1.1 Nível Pré-silábico

No nível pré-silábico, a criança ainda não tem o propósito de representar o som em um registro de escrita, ela começa a compreender que desenho é diferente da escrita. Ela reproduz os traços típicos da escrita, que podem ser formas gráficas de imprensa ou cursiva, fator que vai depender do tipo de escrita com a qual ela tenha contato.

[...] a escrita *pré-silábica*, vai desde as primeiras escritas da criança caracterizadas como rabisco linhas onduladas, em forma de zigue-zague linhas contínuas, traços ou bolinhas repetidas, até chegar à escrita da letra convencional sem correspondência sonora.[...](CARDOSO,p.5 *apud* FONTES, 2013,P.68 grifo da autora.)

A criança elabora a hipótese de que a escrita das palavras é proporcional ao tamanho dos objetos, ao qual se referem, é possível analisar também que o aluno neste nível utiliza no mínimo duas ou três letras para escrever.

1.6.1.2 Nível silábico

Nesse nível, a criança já tenta associar o som a representação da escrita. Diferentemente da fase anterior, em que eram usadas pelo menos duas ou três formas de grafia para cada palavra, agora a criança utiliza duas grafias para uma palavra com duas sílabas e assim sucessivamente. Nessa fase, a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala.

É no período da fase silábica que a criança começa a descobrir que cada parte da escrita é representada por uma letra, compreendendo que a quantidade de letras necessárias para a escrita de uma palavra corresponde à quantidade de partes/sílabas que soam emitidas através da fala. Inicialmente, essa correspondência quantitativa não tem correspondência qualitativa, ou seja, as letras que representam as sílabas não necessariamente atribuem o seu valor sonoro. (FONTES, 2013, p.68, grifo da autora)

Na fase silábica a criança perceber que a grafia representa partes sonoras da fala pode ser caracterizada por representar uma letra para cada sílaba, podendo representar através da vogal ou da consoante, podendo também alternar em uma ou outra.

1.6.1.3 Nível silábico-alfabético

Nível silábico-alfabético, ocorre na transição da hipótese silábica para a alfabética, onde acontece um conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafias, pois a criança sente necessidade de uma análise que vai além da sílaba.

De acordo com Ferreiro (2001) citado por Cardoso (2013- 2018),

[...] é nessa fase que acontece a desestabilização silábica, visto que a criança descobre novos problemas tanto no que se refere ao eixo quantitativo quanto ao qualitativo, passando por uma fase de transição da fase silábica para a alfabética, vivenciando, assim, a fase silábico-alfabética.

O período silábico-alfabético é marcado pelo momento em que a criança descobre que a sílaba não é mais considerada como uma unidade, mas pode ser segmentada em unidades menores, onde uma letra não substitui uma sílaba e que também não pode acrescentar letras a estas, porém o fonema não corresponde necessariamente ao grafema correspondente.

1.6.1.4 Nível alfabético

Nível alfabético, a criança compreende que cada um dos caracteres corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza uma análise sonora dos fonemas ao escrever. A criança praticamente já está dominando a escrita chegando a um estágio mais satisfatório nos princípios alfabéticos, além de esta adquirindo a consciência fonológica, que antes era focada na palavra e mais tarde na sílaba agora de concentra ao nível dos fonemas.

Ferreiro e Teberosky (1985, p. 213) citado por Cardoso (2013-2018) apontam que é importante considerar que mesmo a criança chegando nesse nível, ela ainda vai se deparar com dificuldades na própria escrita, ortografia, entretanto não haverá problema na escrita. Nos estudos da psicogênese da língua escrita não compete os estudos sobre ortografia, pois esse ocorre em fase posterior e como Ferreiro é psicóloga e não linguista, o estudo vincula-se muito mais ao comportamento e hipóteses de escrita nos diferentes níveis, como discutiremos nas análises.

CAPÍTULO II

2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Em meio às diversas possibilidades de olhar sobre dados coletados para uma pesquisa, partimos do pressuposto, a reflexão interpessoal e intrapessoal e a análise da prática. De modo que todas as informações sejam coletadas com o auxílio da pesquisadora sendo assim uma pesquisa colaborativa, destaca Ibiapina (2008):

[...] no âmbito da pesquisa colaborativa é comum a compreensão de que os docentes, em interação com o pesquisador constroem teorias sobre suas práticas profissionais quando negociam crenças e valores e interpretam reflexiva e dialogicamente com os pares suas compreensões a respeito da questão de investigação proposta pelo pesquisador, que remete ao projeto teórico do estudo também proposto por ele. (IBIAPINA2008, p. 20- 21 *apud* SANTOS, 2016, p.3).

A investigação ocorre em momentos de trocas de saberes sobre o objeto a ser estudado. Sendo que esta proposta para coleta de dados no processo colaborativo faz com que a pesquisa se torne mais próximas do pesquisador ainda de revelar sobre a prática docente desenvolvidas na atividade.

Neste capítulo descrevemos a metodologia utilizada na pesquisa, apresentando o estado da arte com resultados de pesquisa com o a linha de pesquisa, trataremos da abordagem colaborativa, caracterização da escola, sujeitos participantes da pesquisa e os instrumentos utilizados na coleta de dados.

2.1 Estado da arte

Em pesquisas realizadas, encontramos artigos relevantes que compõem o estado da arte ou estado do conhecimento sobre o processo de alfabetização de alunos, visando às hipóteses infantis sobre a escrita nos estudos de Emília Ferreiro.

Inicialmente, escolhemos o artigo “Concepções sobre o processo de alfabetização e apropriação da língua materna: um olhar sobre os materiais didáticos trabalhados por professores alfabetizadores do município de Pirassununga-SP” de autoria de Mariélen Aparecida Rocha Del Bel e Poliana Bruno Zuin.(2014) O artigo investiga os processos de alfabetização e a apropriação da língua materna com o recurso

de atividades lúdicas. Os pesquisadores se interessaram em analisar como o material didático adotado pela prefeitura municipal de Pirassununga-SP proporciona a ludicidade.

Nessa pesquisa, os autores escolhidos para embasamento teórico foram Bakhtin (1995), Vygotsky (1991) e Freire (1989 -1996). O estudo também direciona um olhar para a formação dos professores, pois os resultados apontaram que é o trabalho docente que determina a presença do lúdico durante o processo de alfabetização.

Os pesquisadores analisam os livros didáticos adotados pela Prefeitura Municipal de Pirassununga-SP referente ao primeiro ano do ensino fundamental de nove anos que trazem o lúdico como parte do processo de alfabetização, visando os educadores que atuam no processo de apropriação da escrita diagnóstica a relação do material e o processo de alfabetização. Para coletar dados foram realizadas entrevistas, questionários, observação *in loco* e análise documental.

Na análise de dados foi observado o método adotado pelo professor e o ambiente de sala de aula, foram levadas em considerações as dificuldades enfrentadas pelo professor em que na maioria das vezes ficam com práticas sistemáticas, pois recebem muitos materiais determinados por documentos que são necessários cumprir e assim se torna um obstáculo para os educadores que precisam adaptar em aulas lúdicas os conteúdos propostos.

Outro estudo muito relevante, “Sondagem de alfabetização: uma análise das hipóteses de escrita”, publicado na revista Revela (2012), de autoria de Regina Ferreira Terra Rodrigues, aluna do 5ª A do Curso de Pedagogia da FALS. No primeiro tópico ela apresenta “A psicogênese da língua escrita”, (FERREIRO e TEBEROSKY, 1996) as fases do desenvolvimento dessa língua (FERREIRO, 1987) e os PCN de Língua Portuguesa (1997). A estudiosa apresenta uma breve história sobre a educação até chegar às discussões recentes feitas pelos autores citados.

O principal objetivo nesta pesquisa foi observar no processo de aquisição da escrita a forma como as crianças passam de um nível mais simples para o mais elevado, mostrando o aprendizado da criança como um processo constante de assimilação e acomodação.

A pesquisadora expõe a experiência em que realizou uma sondagem de alfabetização com crianças de baixa renda, observadas em várias ocasiões, filhos de pais operários, concluindo a pesquisa com um total de 28 crianças das 30 iniciais, 17 meninos e 13 meninas, com idade média de 5 a 11. Assim foi analisado em que nível da escrita estava cada uma, e o processo de elevação de suas hipóteses.

A sondagem foi realizada com a utilização de palavras de um determinado campo semântico, escolhido pelos alunos em que a criança teria que escrever algumas palavras ditadas para que depois fosse comparada e analisada com características de todas as hipóteses estudada por Emília Ferreiro. Ao fim foram detectados os erros mais recorrentes: erros ortográficos, dificuldades em identificar alguns sons e a realidade de cada um que causava desmotivação.

Ao ingressar na escola a criança tem bens culturais também que virá interferir na maneira que ela se relacionará com o mundo escolar, o aluno carrega consigo uma aprendizagem de vida, adquirida em sua família e com a comunidade com a qual compartilha seus dias, como afirma a pesquisadora.

O artigo, “O processo de alfabetização da criança segundo Emilia Ferreiro”, escrito pelas alunas Karina Duarte, Karla Rossi, publicado na Revista Científica Eletrônica de Pedagogia 2008, toma por base Ferreiro (1996).

O estudo foi elaborado com base bibliográfica e desenvolve-se através de estudos feitos por Emilia Ferreiro cujo aprendizado é norteado por sistemas interpretativos que apresenta um leque de opções de aprendizado e a criança vai fazendo uma triagem, por exemplo, o professor participa diretamente dando as opções e auxiliando no processo da escrita dos alunos, mostrando que a criança possui um pré-disposição para aprender coisas novas.

Os resultados apontam que não existe método de aprendizagem consistente, pois na obra de Ferreiro (1996) ela não apresenta nenhum método pedagógico que deveria ser seguido pelos professores para alfabetizarem seus alunos, mas revela os processos de aprendizagem das crianças e é necessário que o professor considere a escrita como um processo construtivo em que se reestruture internamente.

Apresentamos na tabela ou quadro sinótico, os principais pontos abordados no estudo.

Tabela 1- Resultados

	PESQUISA 1	PESQUISA 2	PESQUISA3
Sujeito	Aluna de Graduação do Curso de Pedagogia da FATECE e orientadora Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos.	Aluna do 5ª A do Curso de Pedagogia da FALS.	Discentes da faculdade de ciências Humanas/FAHU
Objetivo	Compreender os processos de alfabetização e a apropriação da língua materna por meio de atividades lúdicas	Observar a maneira como a criança processa as hipóteses de escrita.	Verificar como acontece o processo de alfabetização na criança segundo a autora Emilia Ferreiro
Metodologia	Entrevistas, questionários, observações “ <i>in loco</i> ” e análise documental.	Produções de escrita de alunos de 5 à 11 anos.	Referências bibliográficas.
Base Teórica	Bakhtin (1995), Vygotsky (1991) e Freire (1989, 1996).	Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, 1996. PCN de Língua Portuguesa 1997	Emilia Ferreiro (1996).
Resultados	Foi detectado que os professores estão engessados e não conseguem adaptar saber adaptar as atividades que lhes são propostas à realidade da sua sala de aula, visando sempre a formação do sujeito letrado	Conclui-se que as crianças têm aos bens culturais que vão interferir na maneira que ela se relacionará com a aprendizagem escolar, não podemos nos esquecer de que o aluno carrega consigo uma aprendizagem de vida, adquirida em sua família e com a comunidade com a qual compartilha seus dias.	As obras de Emilia Ferreiro não apresentam nenhum método pedagógico que deveria ser seguido pelos professores para alfabetizarem seus alunos, mas revela os processos de aprendizagem das crianças.

Fonte: dados organizados pela autora.

Em suma, com esses estudos, objetivamos discutir alguns estudos realizados por estudiosos que já debatem sobre o processo de alfabetização com base teórica nas pesquisas de Emília Ferreiro.

Na primeira pesquisa, “Concepções Sobre o Processo De Alfabetização e Apropriação Da Língua Materna: Um Olhar Sobre Os Materiais Didáticos Trabalhados Por Professores Alfabetizadores Do Município De Pirassununga-SP”, em que mostra superficialmente o processo de alfabetização no município, o estudo se detém mais em apresentar a metodologia do professor e suas dificuldades em se desvincular das antigas tendências pedagógicas.

Na segunda pesquisa “Sondagem de alfabetização: uma análise das hipóteses de escrita” nesse estudo, os pesquisadores mostram na prática, o processo para adquirir a escrita e é através de sondagens e análises de erros de alunos que possibilita fazer uma averiguação das hipóteses presentes em produções destes discentes, ressalta também que a base cultural interfere na aprendizagem de cada um.

Já na terceira pesquisa, que é bem breve, os pesquisadores apresentam apenas estudos de Emília Ferreiro e mostra que em seus textos não apresenta métodos para alfabetizar visto que Ferreiro (1996) apenas mostra vários meios e explica o processo de se adquirir a escrita.

Com base nessas pesquisas apresentadas, realizamos uma pesquisa em que busca compreender melhor esse processo e, para tanto foi realizado um projeto de pesquisa que dispõe da análise do processo de alfabetização dos alunos da escola municipal Francisca Flor na cidade de Santa Cruz da Baixa Verde, visando às hipóteses infantis sobre a escrita com base nos estudos de Emília Ferreiro.

2.2-Tipo de pesquisa

Neste capítulo delineamos a metodologia utilizada na pesquisa, apresentando a abordagem colaborativa, os instrumentos utilizados na coleta de dados e, ainda, os critérios de escolha e a caracterização das escolas e dos sujeitos participantes deste estudo.

Em função do objeto de estudo e das características em questão, definiu-se a pesquisa colaborativa para contribuir com a aproximação e mediação entre o pesquisador e o objeto de estudo.

A pesquisa colaborativa passa a existir privilegiando a construção de conhecimentos por meio de processos que investigam na ação e com os professores, em vez de se falar sobre eles. Deste modo, a ênfase da pesquisa passa a ser na natureza socialmente construída da realidade e nos processos de cooperação construídos entre participantes de investigações.

Segundo Magalhães (2004) *apud* Angelo (2018 p.211):

O conceito de colaboração pressupõe que todos os agentes tenham voz para colocar suas experiências, compreensões e suas concordâncias e discordâncias em relação aos discursos de outros participantes e ao seu próprio. (MAGALHAES, 2004 *apud* ANGELO, 2018, p.211).

Nesta abordagem as pesquisas colaborativas se concretizam através de dados gerados cooperativamente com o objetivo de construir conhecimentos a partir da participação ativa dos integrantes.

Podemos justificar a escolha desta abordagem permitindo que os dados das pesquisas se aproximem da realidade com mais eficácia fazendo com que gere questionamentos e discussões entre o pesquisador e outros participantes do discurso. Todos os membros responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa estabelecem uma cooperação que objetiva a mudança das práticas docentes. Afirma Ibiapina (2004, p.35) “Esse processo investigativo favorece, sobremaneira, tanto a produção de conhecimentos quanto a formação e o desenvolvimento profissional.”.

2.3 Locus da pesquisa

A pesquisa foi realizada na escola da rede municipal na cidade de Santa Cruz da Baixa Verde, Escola Professora Francisca Flor, inaugurada recentemente para atender inicialmente a demanda que comportava a Escola Otacílio Carlos de Alencar que pouco tempo depois foi fechada devido às condições físicas que propiciava risco de desabamento pondo em risco a integridade física de todos os membros que assim pertenciam à escola. A pesquisa ocorre na turma do segundo ano do Ensino Fundamental I, em uma turma de 26 alunos, sendo que mais de 50% residem na zona rural.

A escolha da escola obedeceu a critérios estipulado da pesquisadora visto que só há uma escola na cidade que oferece as séries iniciais. O estabelecimento selecionado ainda não funciona regularmente tendo em vistas as leis de funcionamento.

Para ter acesso à escola inicialmente, houve uma aproximação com a equipe gestora da escola, e os esclarecimentos sobre a proposta da pesquisa. Para posteriormente ter o contato com a professora que se deu através de dias alternativos

para que a pesquisadora pudesse auxiliar o professor a realizar tarefas que envolvesse a escrita.

Por meio desse contato inicial, nos foi possível levantar alguns dados sobre as características das escolas e conhecer o contexto geral no qual os alunos estavam inseridos.

2.4 Instrumentos de coleta de dados

O trabalho de campo para a coleta de dados foi desenvolvido por meio dos seguintes instrumentos, entrevista, análise das produções escritas e observações. Esses procedimentos serão descritos a seguir, como também será descrita sua forma de utilização.

2.5 Escola Municipal Professora Francisca Flor

O objetivo deste tópico é discorrer sobre o *locus*, cenário da pesquisa, a Escola Municipal Professora Francisca Flor, na cidade de Santa Cruz da Baixa Verde, fundada entre os anos de 2015 e 2016 e inaugurada no dia cinco de fevereiro de 2017. O nome recebido trata-se da vontade expressiva de homenagear a professora Francisca Gomes da Silva que tanto contribuiu para com a educação do município. Encontra-se localizada na Rua Antônio da Silva Feitosa, nº 61 em Santa Cruz da Baixa Verde –PE.

A estrutura física desta instituição está dividida em 12 salas de aula, 1 diretoria, 1 secretaria, 1 sala de supervisão, 1 sala multiuso, 1 sala dos professores, 1 auditório, 1 sala de informática, 1 cantina, 1 laboratório de Ciências, 1 biblioteca, 1 sala para o Grêmio estudantil, 1 almoxarifado, 1 dispensa, área coberta, quadra de esportes, 2 vestiários, 1 cantina, área verde e 10 banheiros. Funcionando nos três turnos, na modalidade de ensino fundamental nos anos iniciais e ensino fundamental nos anos finais.

Imagem 1: Entrada da escola Municipal Professora Francisca Flor.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=119550251866495&set=a.119550265199827&type=3&theater>)

Antes da construção da escola Professora Francisca Flor, o município atendia na escola Otacílio Carlos de Alencar, devido a sua estrutura física a escola tinha que ser fechada por ser um ambiente que oferecia risco, com estrutura comprometida, podendo acontecer acidentes com o público da instituição. A escola Otacílio Carlos de Alencar não estava conseguindo comportar todo público e contava com alguns anexos, anexos removíveis dentro da própria estrutura escolar e casas alugadas dentro da cidade para atender creches e os jardins I e II. Muitos alunos se queixavam do odor ocasionado pelo cemitério que era colado no paredão da escola e depois de fiscalizações o município recebeu a ordem para fechar a escola, sendo assim, o representante do município teve que adiantar as obras para que a população não ficasse em prejuízo.

Atualmente a Escola Professora Francisca Flor atende nos três turnos de 7:20 as 11:30, 12:20 as 16:30 e 18:20 as 21:30. Comportando 771 alunos, sendo 461 alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais, 310 do Ensino Fundamental Anos Finais e cede espaço para 233 alunos da Escola Otacílio Carlos de Alencar, assim distribuídos: 183 do Ensino Fundamental Anos Iniciais no turno da manhã e 50 alunos da Educação de Jovens e Adultos no turno noturno, sendo 17 do Ensino Fundamental Anos Iniciais de EJA e 33 alunos do Ensino Fundamental Anos Finais de EJA.

A realidade socioeconômica dos alunos consiste basicamente em sua maior parte de pais agricultores beneficiários do Programa da Bolsa Família ou trabalham em fornalhas produzindo ou embalando rapadura.

Considerando que a escola não só atende alunos da cidade e principalmente no turno vespertino em que a maioria dos alunos vem da zona rural, é relevante ressaltar as série de dificuldades que eles precisam enfrentar para ter acesso a escola, dificuldades com os transportes precário como caminhão F.400 e o tempo gasto para chegar escola devido estradas esburacadas, pois dependendo do sítio passam até mais de uma hora para se locomover todos os dias para a escola.

A instituição de ensino procura sempre desenvolver projetos didáticos pedagógico em promoção e fortalecimento do relacionamento da família na escola, na vivência de tradições folclóricas e culturais. A escola também usa de alguns projetos com o intuito de elevar a qualidade de ensino, incentiva aos esportes, combate aos diversos tipos de preconceitos, amplia ao tempo de estudo e permanência na escola e realiza simulados para os alunos dos anos finais promovido pelo Programa Mais Educação.

Durante o processo de coleta de documentos para detalhar o ambiente de aprendizagem o campo da pesquisa, encontrou-se algumas dificuldades para acessar os documentos da escola, o Projeto Político Pedagógico e Regimento interno foi disponibilizado para tirar fotos, entretanto, não houve descrição dos mesmos, pois ao passar por uma leitura e análise detectou-se muitas semelhanças com os documentos da escola estadual Escola Santa Cruz, o histórico ainda estava sendo produzido e assim a pesquisadora optou por realizar um questionário para obter algumas informações relevantes descrita neste tópico.

Ao longo do período de coleta de dados da escola a pesquisadora teve algumas visitas na secretária de educação para obter documentos que comprovasse a autorização de funcionamento da escola Professora Francisca Flor, e então os funcionários não entendiam exatamente do que estava sendo pedido e pediam para voltar em outro dia para falasse com outros responsáveis que por ocasião não estavam naquele dia, e assim depois de algumas vezes voltando ao mesmo local para obter informações uma das funcionárias comunicou que a autorização de funcionamento da escola estava em tramitação e que já possuía o código do INEP⁶, entretanto não nos forneceu o referido código.

⁶ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP).

2.6 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos que constituem a pesquisa são os alunos da turma do segundo ano do turno vespertino da Escola Municipal Professora Francisca Flor, na cidade Santa Cruz da Baixa Verde no Estado de Pernambuco. A turma possui 26 alunos, com faixa etária entre 7 a 8 anos, todos os alunos pertencem ao município contendo alunos da zona rural e da zona urbana, com oferta de transporte escolar somente no turno vespertino.

Mostraremos, detalhadamente, por meio de gráficos (gráficos 1, 2 e 3) as características da turma, a quantidade de alunos pertencente à zona rural e a zona urbana, faixa etária e sexo feminino e masculino.

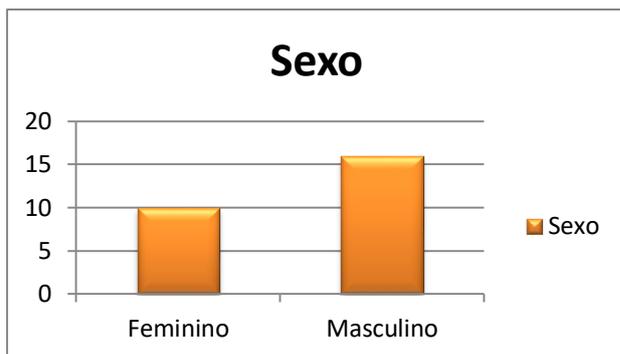
Gráfico 1



Gráfico 2



Gráfico 3



Fonte: Dados organizados pela pesquisadora.

Por meio destes dados, observaremos o perfil da turma do segundo ano, sendo nosso objeto de pesquisa. A quantidade de alunos da zona rural é equivalente aos alunos da zona urbana, a maioria tem 7 anos de idade e a minoria têm 8 anos e a turma é composta por mais alunos do sexo masculino.

Os critérios de escolha dos sujeitos de pesquisa surgiram de duas constatações, inicialmente, mostrar uma turma heterogênea, composta por alunos de realidades diferentes diante do processo de alfabetização, e conhecer mais a fundo a escola que é vista com preconceito por uma parte da população da cidade.

Para selecionar a escola não foi necessário estabelecer tantos critérios visto que a Escola Municipal Professora Francisca Flor, é a única opção de ensino público em Santa Cruz da Baixa Verde, que oferece o Ensino Infantil e o Ensino Fundamental I, exceto três outras escolas municipais que ficam em distritos. Já para selecionar a turma, atendemos a indicação do ano em que os alunos realmente estivessem passando pelo o processo de alfabetização e levando em consideração o cumprimento do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC⁷, outro critério muito importante pelo qual a pesquisa se realizará nesta turma foi a aceitação dos professores nas turmas.

Após a certificação de que a escola e a professora da turma permitissem a realização da pesquisa, estabelecemos o contato com as professoras e a diretora em dias alternados.

Segundo a Plataforma Do Letramento “o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) tem como principal desafio garantir que todas as crianças brasileiras até oito anos sejam alfabetizadas plenamente. Para isso, ele contempla a participação da União, estados, municípios e instituições de todo o país.”

No primeiro contato procedemos à apresentação da proposta da pesquisa e todo o seu processo. A proposta de pesquisa foi bem aceita por todos, a responsável pela escola e a responsável pela turma. O segundo contato foi com a turma para conhecê-los, nesse processo de conhecer o sujeito da pesquisa, contou-se com ajuda da professora tanto no acesso de materiais trabalhados quanto para responder um questionário (Apêndice) que estaria voltado para conhecer a turma em nível de aprendizagem e social e algumas outras informações que seriam relevantes para identificar a qualidade de ensino ofertada na escola.

CAPÍTULO III

3. O PROCESSO DE ESCRITA: ANÁLISE DA PRODUÇÃO TEXTUAL

No presente capítulo, apresentaremos as análises de produções escritas dos alunos do segundo ano da Escola Municipal Professora Francisca Flor com o objetivo de avaliar o processo de alfabetização nesta turma investigando a teoria de alfabetização defendida por Emilia Ferreiro (1980). Buscamos relacionar a teoria da pesquisadora ao contexto social e cultural da realidade dos alunos envolvidos na pesquisa.

As seções a seguir apresentam dois tópicos principais, o primeiro tópico é a sondagem que mostra o resultado das atividades produzidas pelos alunos para averiguar em cada nível alfabético está cada aluno e, após, demonstrando uma produção para cada nível detalhando as suas características de acordo com os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1980); já o segundo tópico apresenta os resultados dos dados coletados na atividade de produção de texto, indicando o desempenho como inadequado, regular e satisfatório, procurando analisar cada produção de cada desempenho buscando compreender o processo da escrita dos alunos para desenvolver um texto.

3.1 Sondagem

Nesta sessão abordamos como se deu todo o processo de sondagem feita na turma do segundo ano da Escola Municipal Professora Francisca Flor, realizado em duas aulas com duração de 1 hora e 40 minutos com 21 alunos no dia 30 de novembro com a colaboração da professora responsável pela turma.

Segundo Marinelli (2012, p.4) a sondagem acontece para que o docente possa perceber em qual etapa de escrita o aluno está. Mas não pode ser considerada uma ferramenta para rotular os alunos, pelo contrário, um professor consciente poderá contar com ela para basear suas propostas educacionais e saber aplicá-las da maneira mais adequada. No caso desta pesquisa a sondagem será realizada como uma forma de

conhecer a turma e fazer uma avaliação do nível que mais predomina antes de aplicar uma produção de texto mais elaborada.

A sondagem ocorreu após os alunos fazerem a correção da atividade para casa, neste dia compareceram apenas 21 alunos e 5 alunos faltaram à aula. Foi entregue para a turma uma atividade que consistia em escrever o nome dos desenhos no local pedido. Os desenhos eram: *dinossauro, formiga, onça, sapo, cigarra, furadeira martelo, chave, pá e por fim uma proposta de produção de uma frase com base em um desenho de dois garotos praticando a ação de plantar uma árvore*. A escolha desta atividade foi com o propósito de trazer um leque de desenhos que sua representação gráfica fosse com o nível de dificuldade crescente, começando com palavras e fechando com a produção de uma frase. Durante a realização da atividade não se apresentou casos de indisciplina, alguns alunos solicitaram ajuda com dificuldades na escrita da palavra *onça* e na produção da frase. De resto, a atividade ocorreu de maneira pacífica.

Ao longo da atividade o professor sempre esteve auxiliando em manter a ordem na sala e na organização dos horários, chamando a atenção dos alunos quando era necessário.

Imagem 2: Alunos do 2º ano durante a atividade de sondagem



.Fonte: arquivo pessoal da pesquisador.

A colaboração da professora para esta atividade foi muito importante, além de ter liberado o espaço e o tempo ela auxiliou no processo da sondagem, lembrando que

ela soube com antecedência como seria a atividade e os procedimentos. Quando os alunos solicitassem uma correção não era possível visto que a proposta era fazer uma avaliação com um levantamento de quantos alunos estavam em cada nível e a correção feita pela professora afetaria ou burlava os resultados.

Apresentaremos, a seguir, um gráfico ilustrativo com os resultados da coleta de dados para a sondagem.

Gráfico ilustrativo 4



Fonte: Dados coletados e classificados pela autora (2018).

Os resultados obtidos mostram que na sondagem, todos os 21 alunos que estavam presentes realizaram a atividade: O gráfico aponta que a maioria da turma encontrava-se no nível alfabético e silábico alfabético. O desempenho dos alunos aconteceu da seguinte forma: 2 alunos ainda estão no nível pré-silábico, 4 estão no nível silábico, 6 no nível silábico alfabético e 9 no nível alfabético. A sondagem empregou alguns critérios, classificando as produções escritas nos níveis de escrita desenvolvido pela autora a partir do estudo das características de cada nível no livro *A Psicogênese da Língua Escrita*, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985).

Apresentaremos, a seguir, um exemplo de cada nível de escrita da produção dos alunos na atividade de sondagem com uma possível análise que influenciou diretamente

na classificação para determinar o nível da escrita mostrado no desempenho de cada aluno para a realização da atividade.

Destacamos que se trata de uma análise por amostragem, por isso foi selecionado apenas uma produção para cada nível devido a o tempo limitado da pesquisadora para se debruçar na análise.

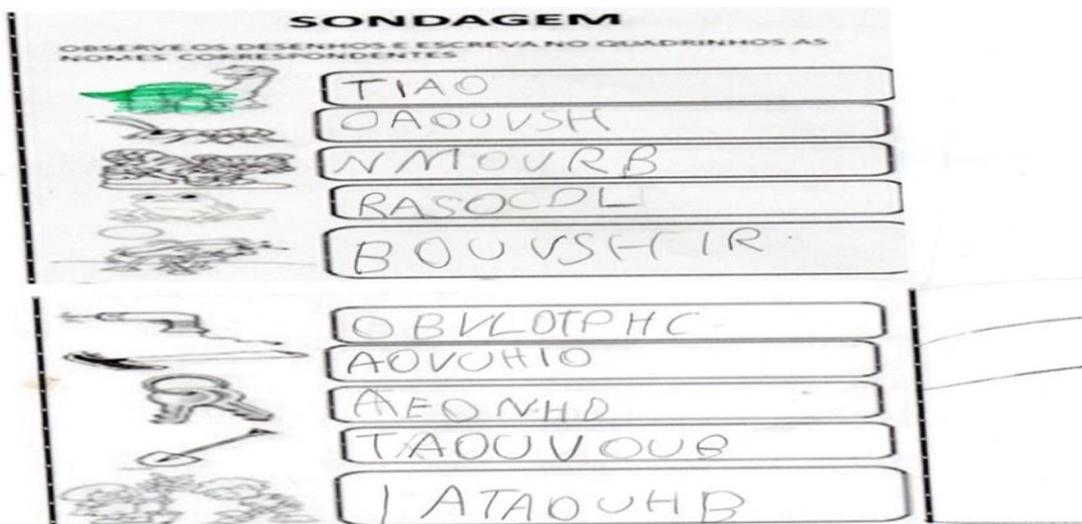
Nas sessões seguintes, utilizaremos siglas A1, A2, A3 e A4, para identificar os alunos que produziram a atividade de sondagem com o objetivo de preservar a identidade dos alunos.

3.1.2 Análise de uma produção escrita considerada Pré-Silábica

A produção a seguir demonstra que o desempenho do aluno foi considerado pré-silábico na transição para o silábico, segundo os critérios definidos para o estudo.

O A1 é um menino de 7 anos que reside na zona rural é considerado um menino comportado e tímido, senta sempre na segunda ou terceira carteira de uma fileira e geralmente não participa de aulas discursivas.

Imagem 3: Produção da atividade de sondagem do A1.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Considerando que a primeira palavra “TIAO” para representar DINOSSAURO, pode-se dizer que possui uma relação com a grafia correta, pois o “TI” e o “DI” são articulados pelo mesmo aparelho fonador, linguodental⁸, e as vogais “AO” representaria duas últimas sílabas da palavra “SAU-RO”, podíamos dizer que a criança está no período de transição de pré-silábico para o silábico. Entretanto ela só conseguiu nesta única palavra, prevalecendo o nível pré silábico, pois das dez palavras ela só conseguiu atribuir valor sonoro em uma única palavra, escrevendo as outras nove palavras com uma sequência de letras sem fazer sentido com a representação gráfica correta.

Como nos ensina Soares (2016),

A criança começa a diferenciar letras de números, desenhos ou símbolos e reconhece o papel das letras na escrita. Entende que elas servem para escrever, mas ainda não sabe como e, nessa fase, por exemplo, usa letras do próprio nome ou de palavras que conhece de memória para arriscar suas hipóteses de escrita. (SOARES, 2016, p.42).

Exceto a primeira palavra é interessante observar que a criança utiliza mais de seis caracteres para representar as outras palavras, ela utiliza palavras que ela conhece, mas ainda não tem domínio para interpreta-las. Ferreiro (1999) *apud* Baranovski (2016-2018) afirma: “a fase pré-silábica é aquela na qual as crianças entendem que escrever é ‘reproduzir os traços típicos da escrita’, sem critérios na escolha das letras para compor a palavra”. Fazendo com que nesse nível a criança apresente mais o eixo quantitativo do que o qualitativo.

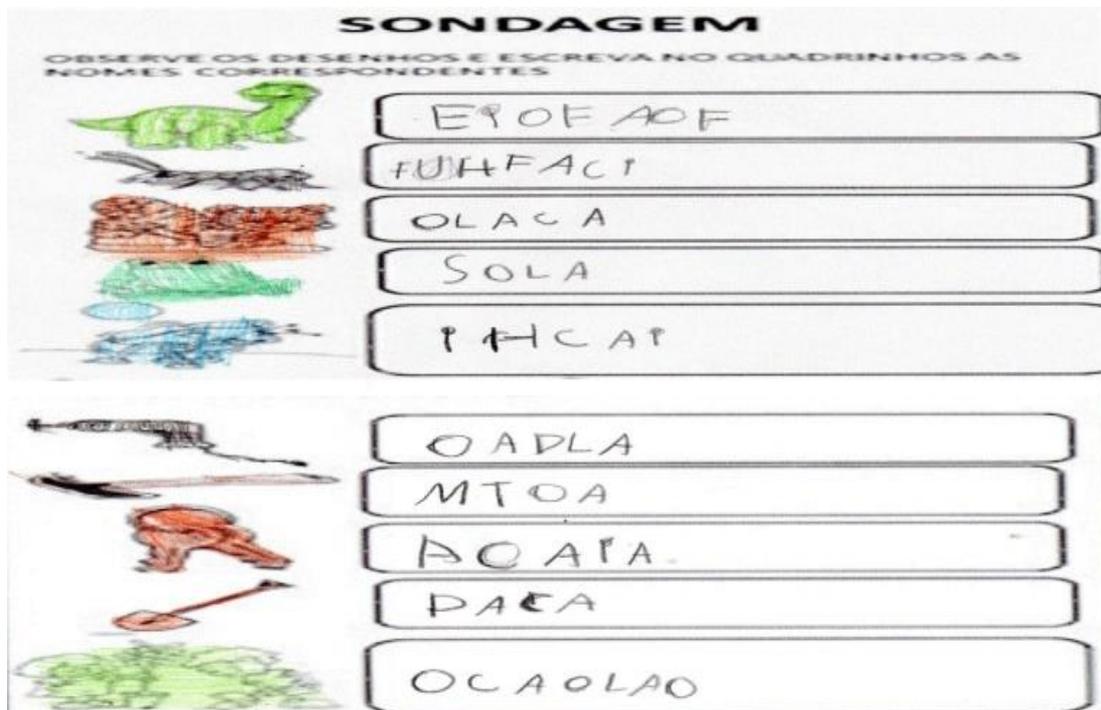
3.1.2 Análise de uma produção escrita considerada Silábica

O aluno A2 é uma criança mais participativa que A1 mora na zona urbana e tem 8 anos de idade. Sua produção escrita foi considerada no nível a silábico, pois, percebe-

⁸ Segundo, o Dicionário Online de Português, linguodental é: Fonética é o: “ponto de articulação está entre a língua e a arcada dentária superior, como /t/, /d/ e /n/.” <https://www.dicio.com.br/linguodental/> Acesso em 26 dezembro de 2018.

se que ele já consegue atribuir valor sonoro para a maioria das letras que compõem cada palavra, ou seja, para cada sílaba uma letra é capaz de representá-la.

Imagem 4: Produção da atividade de sondagem do aluno A2.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Neste caso podemos perceber que em todas as palavras escritas possuem letras que atribuem valor sonoro da palavra. Observaremos alguns exemplos onde podemos considerar que cada letra corresponde a uma sílaba. Vejamos:

➤ **EIOFAOF**

Di-nos-sau-ro

➤ **IHCAI**

Ci-ga-rra

➤ **ACAIA**

➤ **Cha-ve**

➤ **OLACA**

On-ça

➤ **OADLA**

Fu-ra-dei-ra

➤ **PACA**

Pá

➤ **SOLA**

Sa-po

➤ **MTOA**

Ma-te-lo

Na palavra *dinossauro*, *formiga*, *onça*, *sapo*, *cigarra martelo*, *chave* e *pá* podemos perceber a utilização de uma letra seja vogal ou consoante para representar uma sílaba. Quase em todas as palavras, exceto a representação da palavra *sapo* as representações seguem uma ordem. O aluno A2 ainda não domina a escrita o bastante para produzir frases e assim no campo que foi destinado para escrever uma frase ele escreve uma sequencia de letras sem atribuir sentido, apenas para preencher.

É interessante observar que nas palavras *formiga* e *cigarra*, o aluno representa o a sílaba “ga” com a letra “h” assimilando e associando o som de cada letra representando em cada sílaba.

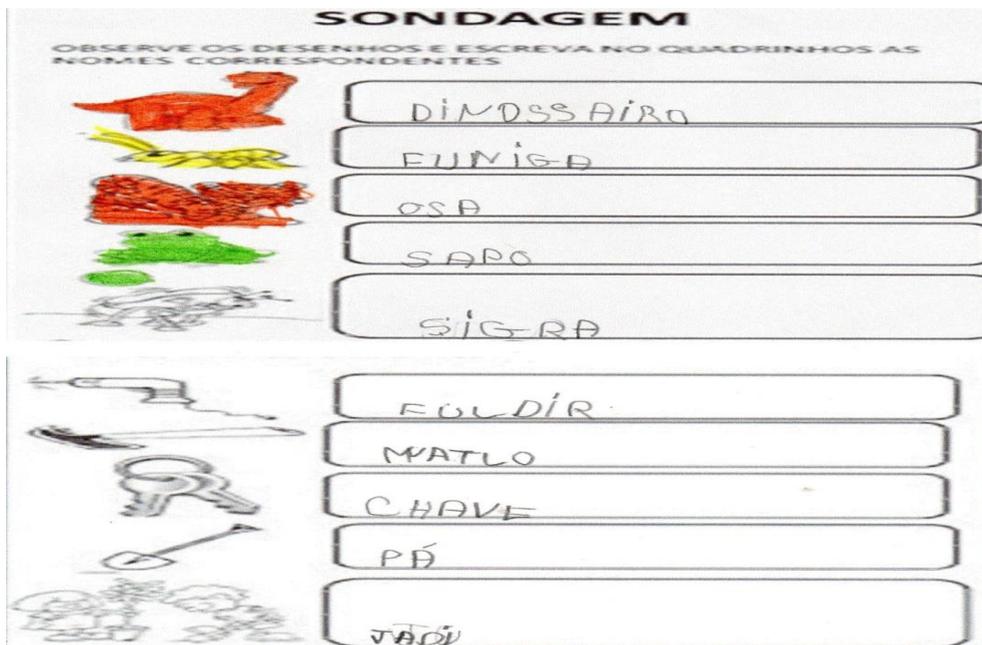
A criança realiza uma grande descoberta: a escrita representa a fala. No início, ela supõe que a forma de representação é silábica. Em geral, nessa fase, o aprendiz emprega quaisquer letras independentemente do som que elas representam e, aos poucos, passa a perceber que cada palavra é grafada com letras específicas, que variam de acordo com seu som. (SOARES, 2016, p.42).

Esse é um nível de muita importância no processo de alfabetização, é na hipótese silábica que as letras começam a representar os sons pretendidos, e assim a criança passa para o próximo nível seguinte, silábico-Alfabético.

3.1.3 Análise de uma produção escrita considerada Silábica-Alfabética

Silábico-alfabética é considerada como uma transição da hipótese silábica para a alfabética, quando as crianças começam a perceber que algumas sílabas possuem mais de uma letra. Vejamos a produção do aluno A3, criança de 7 anos de idade residente da zona urbana:

Imagem 5: Produção da atividade de sondagem do aluno A3.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Neste nível a criança ora escreve as sílabas completas ora representa uma sílaba com apenas um grafema. Nas palavras *sapo*, *chave* e *pá*, o aluno A3 consegue representar corretamente. Nas palavras *dinossauro* e *formiga*, ele representa da forma que ele fala e neste caso não se pode dizer que faltou nenhum elemento e não cabe a esta análise discutir sobre ortografia. O aluno A3 escreve *onça*, *cigarra*, *furadeira*, *martelo* e *jardim*, com algumas sílabas representadas por apenas uma letra.

Torna-se necessário respeitar o valor sonoro e a criança começa a acrescentar letras, principalmente na primeira sílaba, por exemplo: TIGE (tigre). A forma como é encarado o “erro” nessa fase é de suma importância. Se esse tipo de escrita não for considerado parte de um processo de construção, poderão se realizar inúmeras correções[...]. (SOARES, 2016,p.42).

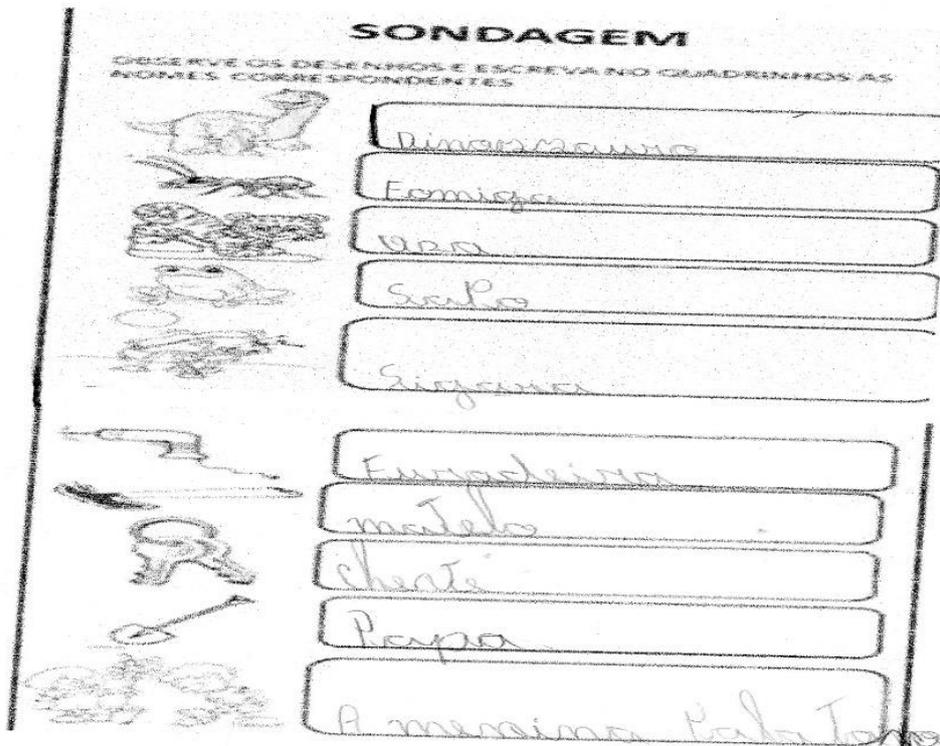
O valor sonoro torna-se mais presente no nível Silábico Alfabético, e a criança começa a acrescentar letras principalmente na primeira sílaba, acontecendo de ao longo da escrita de uma palavra ela acabe deixando alguma letra faltando que não pode ser considerando um desafio tão grande, pois à medida que ela faça a reescrita ela consegue identificar a falta de algum som e completando.

Percebe-se que a criança já tem um domínio maior sobre a escrita enquanto no nível silábico, alguns “erros” cometidos nesse nível passando por alguns reforços, rapidamente são superados fazendo com que o aluno chegue ao último nível, o alfabético.

3.1.4 Análise de uma produção escrita considerada Alfabética

O nível alfabético é quando a criança consegue escrever uma palavra completa, ou seja, compreendeu o código e tem um domínio razoável do sistema de escrita, mas sem o domínio da ortografia das palavras. O exemplo a seguir de uma produção alfabética é do aluno A4, uma criança de 7 anos de idade residente na zona rural, apresenta um bom comportamento, considerando que participa das aulas sem causar desordens.

Imagem 6: produção da atividade de sondagem do aluno A4



Fonte: arquivo pessoal da autora.

O aluno A4 compreendeu como se escreve usando as letras do alfabeto. Descobriu que cada letra representa um som da fala e que é preciso juntá-las de um jeito que formem sílabas

de palavras da nossa língua. Acontecendo alguns “erros” em que “engoliu algumas letras”, mas a maioria das palavras estão com sílabas completas, ocorrendo em alguns casos à falta uma letra em sílabas compostas por três letras.

Nesse nível, a criança compreende a lógica da base alfabética da escrita e descobre que uma sílaba é, em geral, grafada por mais de uma letra (normalmente duas ou três). Portanto, ela evolui de maneira significativa no que diz respeito ao conhecimento do valor sonoro convencional de todas as letras – ou de grande parte delas –, juntando-as para formar sílabas e palavras. (SOARES2016, p.42).

Ao atingir o nível alfabético, a criança passa a escrever com algumas marcas da oralidade e principalmente nos primeiros períodos em que a criança apresenta sua escrita alfabética, podemos encontrar omissões de letras nas sílabas. Contudo à medida que vão interagindo com a linguagem escrita, vão percebendo que a escrita não é uma representação vão percebendo algumas questões que cobra a ortografia.

3.2 Análise de Produções de Texto

Neste tópico iremos apresentar análises de três produções textuais escritas em uma mesma turma de 2º ano, do turno vespertino da Escola Municipal Professora Francisca Flor. Inicialmente, falamos da proposta de produção do texto, apresentamos com a representação de um gráfico os resultados obtidos para, em seguida, abordarmos três produção escolhidas para representar um texto considerado satisfatório, regular e outra inadequada com propósito de analisar o processo de alfabetização.

O principal objetivo desta análise foi investigar a teoria de alfabetização defendida por Emilia Ferreiro (1985), relacionando a teoria da pesquisadora ao contexto social e cultural da realidade dos alunos envolvidos na pesquisa.

A produção do texto ocorreu no mesmo dia da produção da atividade de sondagem, dia 30 de novembro de 2018 nas duas últimas aulas de 15:00 às 16:30. A proposta inicial da produção de texto seria realizada em dias diferentes da atividade de sondagem, porém a professora colaboradora sugeriu realizar atividade de produção de texto no mesmo, com a justificativa de ser final de ano poderia acontecer algum imprevisto que impossibilitaria a coleta de dados, bem como a realização do evento que tomamos como mote para a escrita. O

planejamento da proposta para produção de texto bem como o da atividade de sondagem foi consentido pela professora da turma.

Após a atividade de sondagem os alunos tiveram dez minutos para o recreio. Ao retornarem, para acalmar a turma e quando estavam todos sentados, conjuntamente, a pesquisadora e a professora iniciaram uma discussão em sala que foi norteadas com as seguintes perguntas:

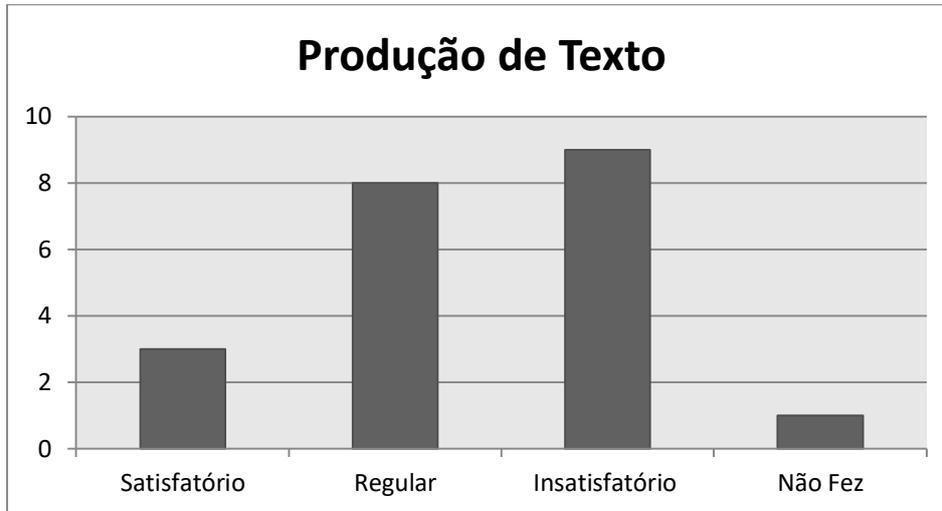
Quem já foi a Feira Da Rapadura? O que é que tem na feira da rapadura?

O que se faz na feira da rapadura?

Esses questionamentos serviram para contextualizar e orientar os alunos para próxima atividade. Todos sabiam responder e queriam participar, visto que a cidade de Santa Cruz da Baixa verde é considerada a capital da rapadura tendo a rapadura como principal renda para a maioria das famílias do município e a semana da Feira da Rapadura é o momento de expor rapaduras a maior rapadura do mundo, rapaduras artesanais e além de bandas musicais ao longo da semana também têm momentos culturais, como grupos de danças e entre outros. Sendo assim já que a Feira da Rapadura é uma atração típica da nossa região a proposta da produção de texto tinha por base escrever sobre as experiências dos alunos vivenciadas neste evento.

É perceptível que o evento na região é esperado por todos e quando passa todos tem uma história para contar. Principalmente as crianças quem brincam em diversos parques que vem na época, comem lanches diferentes e tiram fotos com suas roupas novas e isso marca nas memórias delas, em sua vivência social.

Tendo um pouco mais de um mês que havia passado a Feira na cidade à memória dos alunos sobre o que tinha passado estava recente. Entretanto houve muitas dificuldades na produção do texto, os alunos sabiam o que escrever, mas não sabiam como escrever. Mostraremos a seguir um gráfico ilustrativo sobre o resultado das produções do texto.

Gráfico ilustrativo 5

Fonte: Dados organizados pela pesquisadora (2018).

Apresentaremos os resultados preliminares, e as análises de cada classificação, vale ressaltar que na análise das produções de texto não será identificado o nome do aluno, distinguiremos como: T1, T2, T3. Tais siglas serão utilizadas quando mencionarmos o aluno que escreveu o texto que estará sendo analisado.

Dos 21 alunos presentes na sala de aula, 20 realizaram as produções, e um dele que obteve muita assistência em sua carteira por apresentar dificuldades em iniciar não fez, o aluno por falta de hábito de produção de texto travou na hora de escrever, não conseguiu fazer nada, colocou apenas o nome na apostila. O aluno dizia que não sabia como fazer o texto e quando foi sugeridas ideias ele disse que iria fazer e então quando se aproximava a pesquisadora ou a professora colaboradora ele fingia que estava escrevendo para não ser receber visitas na sua carteira e no momento de entrega foi detectado que ele nada além do seu próprio nome.

Imagem 7: Momento em que os alunos produziam o texto



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Imagem 8: Momento em que os alunos produziam o texto



Fonte: arquivo pessoal da autora.

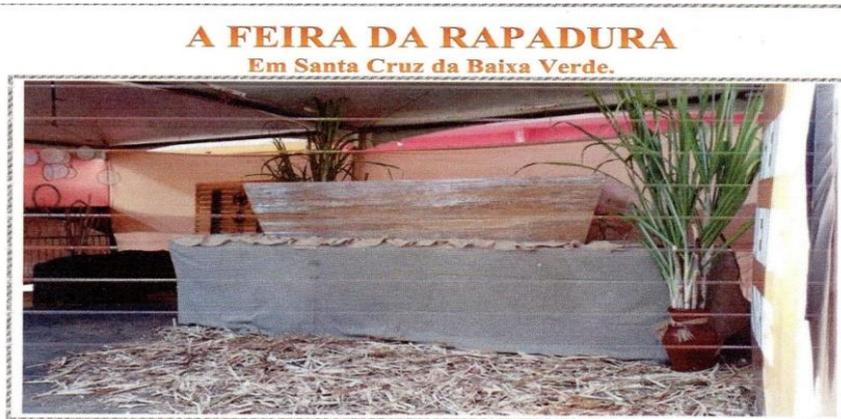
Os 20 alunos que produziram um texto relatando sobre sua experiência na Feira da Rapadura na cidade, 9 produções de texto foram consideradas insatisfatórias para os critérios estabelecidos, apresentando apenas garatujas⁹ ou uma sequência de letras que conhecem do alfabeto estando no nível Pré-silábico, 8 textos foram considerados regular apresentando textos no nível silábico passando para o silábico-Alfabético, os alunos nesses textos conseguiram trazer o conteúdo onde as letras representam os sons da fala. E, por fim, 3 alunos

⁹ Segundo o Dicionário Online de Português Garatuja é: Desenho rudimentar, malfeito, normalmente sem forma e ilegível. Fonte: <https://www.dicio.com.br/garatuja/> Acesso: 15 de dezembro de 2018.

exemplo, no caso do texto de T1 ao escrever ele compreende que um conjunto de letras seguidas compõe uma sequência de vários grupos e desenha-se um texto escrito.

Analisamos, então, o próximo texto do aluno T2. Nesta produção o aluno consegue atribuir valor sonoro para as palavras, podendo compreender o conteúdo.

Imagem10: produção textual do T2 na turma do 2º ano



A feira-da-rapadura-em-santa-cruz-da-baixa-verde-expõe a maior rapadura do mundo. Produza um texto contando a sua experiência neste evento:

A FEIRA DA RAPADURA É MUITA BOA
 E DIVERSA É MUITO PERÓ QUE DO MUITO DE
 VETÍ DO É ALEGRA TENÍ MUITOS PRÍQUE DO QUE É
 MUITO DE VETÍ DO EU VOFA LA UPAI QUE DO VOFA LA A
 GORA CARÍV DEPATÍPATÍ E PULAPULA E A PACA E
 A CAPELA

Fonte: arquivo pessoal da autora.

A criança escreve já com sentido, ao escrever um conjunto de letras e consegue estabelecer uma relação de uma palavra com a outra, formando um texto. Tal texto apresentado foi classificado como regular, o critério estabelecido para tal classificação foi pelo fato trazer entendimento apesar de ter várias palavras incompletas não compromete a compreensão.

É possível entender que a criança que escreve tal texto exalta os brinquedos que são muitos divertidos que vem na época da Feira da Rapadura expressando uma preferência pelo carrinho bate-bate e o pula-pula.

De acordo com (FERREIRO e TEBEROSKY 1999, p. 209; SOARES, 2016, p. 48)[..]a forma escrita e a expressão oral atribuída, para passar a uma correspondência entre partes do texto (cada letra) e partes da expressão oral (recorte silábico do nome). Além disso, pela primeira vez a criança trabalha claramente com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 209).

Estabelecendo uma relação da citação com a produção escrita do aluno T2 podemos perceber diversos elementos em que a criança utiliza para representa a fala através da escrita, como a repetição da sequência “vo fala” duas vezes em seguida no texto, aparentado que a medida que ela ia escrevendo ia falando, de repente na fala repetimos termos quando damos uma pausa no raciocínio e utilizamos a repetição para retomar a ideia. É muito presente na grafia desta criança a falta de elementos gráficos nas sílabas compostas por três letras, ao falarmos uma palavra marcando cada sílaba acabamos por dar mais destaque maior a alguma letra fazendo com que uma delas passem por despercebidas.

Fechamos essa seção de análises com uma produção de texto considerada satisfatória para os critérios estabelecidos para essa pesquisa de um texto com uma construção de sentido, sem desfocar do tema proposto e estruturado em frases.

O texto apresentado a seguir mostra a produção do aluno T3, apresentando um domínio da escrita, estruturando o texto com frases com alguns ortográficos [...] a escrita alfabética constitui o final dessa evolução.

A citação de Ferreiro e Teberosky (1999) mostram que o processo da alfabetização passa por uma evolução de níveis e ao chegar ao alfabético considerado o último nível na aquisição da escrita o aluno começa a refletir sobre de sua escrita, faz uma análise sonora dos fonemas das palavras que irá representar. Ressaltando que os erros ortográficos não fazem parte desse estudo e por isso na análise com base teórica os estudos de Ferreiro os erros de ortografia não são considerados, visto que ela explica o processo de apropriação da escrita e não o aprimoramento.

Concluindo este tópico do trabalho, que se dedicou a buscar caracterizações para as hipóteses de escrita das Crianças participantes no estudo, discutimos os resultados e novas questões se estabelecem para uma pesquisa cujo objetivo foi o mostrar os dados de uma turma de crianças do 2º a respeito do sistema de escrita: percebemos a importância de avaliar o desenvolvimento da escrita em uma turma, olhando para a evolução da escrita de uma atividade mais simples de escrever nome de desenhos e de uma frase para uma atividade de produção de texto, pautados pelo referencial teórico, que nos permitiu essas compreensões.

Assim, encaminhamo-nos para as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa abordou o processo de construção das hipóteses alfabéticas de crianças no período de aquisição da escrita, e teve como embasamento teórico os estudos de Emilia Ferreiro e seus colaboradores, fornecendo respaldo para compreender como ocorre o processo de alfabetização dos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa apresentada nos possibilitou refletir sobre as dificuldades dos alunos no período aquisição da escrita, permitindo analisar e refletir sobre as dificuldades das crianças. Oportunizando olhar para uma turma e perceber como a heterogeneidade é importante para intensificar as relações entre os alunos, pois quem sabe “mais” ajuda a quem sabe “menos”.

O processo de coleta de dados foi um momento de muito aprendizado para os alunos, pois proporcionou que eles interagissem com uma prática de produção de texto, utilizando um tema norteador muito interessante e de muita aceitação, permitindo a professora e a pesquisadora observar os resultados respeitando o ritmo natural de cada aluno no desenvolvimento da aprendizagem da escrita de textos.

Os resultados da pesquisa revelaram que os alunos obtiveram um desempenho mais satisfatório na atividade sondagem mostrando que a maioria conseguiu escrever as palavras correspondentes aos desenhos, já no resultado da produção de texto uma minoria conseguiu desenvolver o texto, apesar de ter sido uma boa proposta com o tema em que ninguém apresentou dificuldades em falar na discussão prévia, a maioria não conseguiu representar através da escrita o que foi pedido, em partes por não fazer parte da sua rotina escolar o exercício de produzir texto escrito nessa fase de ensino.

Assim, afirmamos ser necessário trabalhar ainda mais com produções textuais na sala de aula explorando o conhecimento e a visão de mundo no intuito de desenvolver no aluno a capacidade de escrever com mais habilidade além de refletir sobre o uso da linguagem.

Enquanto pesquisadora, as contribuições advindas desta pesquisa são imensuráveis, uma vez que consolidamos os conhecimentos acerca do nosso objeto de estudo, podemos perceber que falta aos professores alfabetizadores capacitação para lidarem com a alfabetização, Privilegiar a formação contínua como principal instrumento de acesso a todo tipo de prática pedagógica que possam subsidiar seu trabalho em sala de aula, buscando desenvolver com mais eficácia a aquisição da escrita e da leitura, considerando que é necessário respeitar cada nível da escrita da criança como um sinal de evolução para atingir o estágio de alfabetização e de letramento, como práticas constantes.

REFERÊNCIAS

BEL, Mariélen Aparecida Rocha Del; ZUIN, Poliana Bruno. **Concepções Sobre o Processo de Alfabetização e Apropriação da Língua Materna:** Um Olhar Sobre os Materiais Didáticos Trabalhados por Professores Alfabetizadores do Município de Pirassununga-SP. *Trilhas Pedagógicas*, v. 4, n. 4, Ago. 2014, p. 141-159.

CARDOSO, Alexsandra Vieira.; OLIVEIRA, Francisca Edneide Cesário de; DINIZ, Maria Euzileide; FERNANDES, Sebastiana Adriana; FONTES, Francicleide Cesário de Oliveira. **O Processo De Aprendizagem Da Alfabetização De Crianças:** Análise Dos Níveis De Escrita. IFPB, 2013-2018.

CAVALCANTE, Juliana Brito de Araújo. **História da Alfabetização no Brasil: do Ensino das Primeiras Letras à Psicogênese da Língua Escrita.** UESPI, São Raimundo Nonato-PI, p. 1-12, 2008-2018.

CHAGURI, Jonathas de Paula; BERTO, Jane Cristina Beltramini. (Orgs). **Pesquisas em História da Educação e Linguística Aplicada:** novos olhares para o ensino de línguas no Brasil. Campinas, SP: Pontes Editoras, 2018. 209-236p.

CHIARELLA, Tatiana; BIVANCO-LIMA, Danielle; MOURA Juliana de Carvalho; MARQUES, Maria Cristina da Costa; MARSIGLIA, Regina Maria Giffoni. **A Pedagogia de Paulo Freire e o Processo Ensino Aprendizagem na Educação Médica.** *Revista Brasileira de Educação Médica*, São Paulo, 39 (3), p. 418-425, 2015.

COSTA, Francisca Mônica Silva da. **Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC):** Concepções Sobre Alfabetização de Professoras do 1º Ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Fortaleza. Fortaleza/CE, 2014. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza Ceará.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Psicogênese.** Disponível em <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/psicog%C3%AAnese/7976/>> Acesso em 15 dez.2018.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Garatuja** Disponível em:<<https://www.dicio.com.br/garatuja/>> Acesso: 15 dez. 2018.

DUARTE, Karina. ROSSI, Karla. **O Processo De Alfabetização da Criança segundo Emilia Ferreiro.** *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia* é uma publicação semestral da Faculdade de Ciências Humanas, Garça/SP, Editora FAEF, ano VI – Número 11 – Janeiro de 2008.

FONTES, Francicleide Cesário de Oliveira. **Saberes mobilizados na alfabetização de crianças:** percursos de práticas exitosas. Mossoró/RN, 2013. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC, Universidade DO Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró/RN, 2013.

GADOTTI, Moacir. **Alfabetização e Letramento:** como negar nossa história. Disponível em:< http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/2388/3/FPF_PTPF_13_048.pdf> Acesso em 10 set. 2018

GRANDO, Katlen Böhm. **O Letramento a Partir de uma Perspectiva Teórica: Origem do Termo, Conceituação e Relações com a Escolarização.** ANPED, Seminário de Pesquisas em Educação da Região do Sul, IX, 2012, Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3275/235>> Acesso em 16 dez. 2018.

IZUMI, Ralph. **Pnaic: o desafio da alfabetização na idade certa.** Disponível em: <<http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista/266/pnaic-o-desafio-da-alfabetizacao-na-idade-certa.html>> Acesso em 18 dez. 2018.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. de; BANDEIRA, Hilda Maria Martins; ARAUJO, Francisco Antonio Machado. (Orgs). **Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergente.** Piauí: Universidade Federal de Piauí, 2016. 1ª edição.

Jean Piaget: Biografia. PORTAL EDUCACAO. **Jean Piaget: Biografia** Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/jean-piaget-biografia/53974>> Acesso em 15 dez. 2018.

MELO, Terezinha Toledo Melquíades de. **O Eixo Produção de Textos Na Perspectiva do Alfabetizar Letrando.** ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, XVI, 2012, Campinas: UNICAMP. Disponível em: http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/3819d.pdf Acesso em 14 dez. 2018.

PAIVA, José Maria. de. **Educação jesuítica no Brasil colonial.** In: LOPES, Eliane Marta. Teixeira; FARIA, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia. Greive. (Orgs). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PRODUÇÃO VIRTUAL. **Teorias Psicogenéticas.** Disponível em: <<http://producao.virtual.ufpb.br/books/edusantana/fundamentos-psicologicos-da-educacao-livro/livro/livro.chunked/ch02s03.html>> Acesso em 16 nov. 2018.

RODRIGUES, Regina Ferreira Terra. **Sondagem De Alfabetização: Uma Análise Das Hipóteses De Escrita, Revela, Ano VI - Nº XIII- JUL / 2012 - ISSN 1982-646X.**

SANTOS, Adriana Cavalcanti dos. **Leitura na Educação de Jovens e Adultos: a contribuição do Observatório em Alagoas no (res)significar da prática docente.** XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, 2012, Campinas: UNICAMP, 2012.

SANTOS, Ana Claudia Siqueira dos; PESSOA, Élide; PEREIRA, Maria José Garangau; SILVA, Rozilene Nascimento Lim. **Alfabetização e Letramento: Dois Conceitos, Um Processo.** 2010-2018. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc3-6.pdf> Acesso em 18 dez. 2018.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos.** São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf> Acesso em 16 de nov. 2018

SODOSKI, Rafaela Beneti. **Alfabetização na perspectiva construtivista de Emilia Ferreiro: Uma abordagem sobre a epistemologia genética.** 2016. p.42. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso. TCC, apresentado ao curso de Pedagogia, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.). Universidade Estadual De Maringá, Maringá.

APÊNDICE

APÊNDICE 1- Questionário respondido pela a professora

**Questionário direcionado a professora da turma do 2º da escola municipal Francisca flor,
campo de pesquisa para realização do Tcc**

1- Quanto Tempo de atuação a senhora trabalha no magistério?

No campo educacional, há 12 anos.

2. Como você prepara as suas aulas para desenvolver melhor as atividades escritas?

Além do planejamento, vejo o nível de aprendizagem dos meus alunos passando assim a planejar atividades diversificadas e coniventes ao nível deles.

3- Como a senhora descreve sua

turma? Um nível de aprendizagem baixo, a maioria indisciplinados, sendo assim, dificulta a aprendizagem.

4- Os pais participam do desenvolvimento dos

filhos? Alguns, pois os que precisamos conversar (os pais) são os que nunca aparecem na escola.

5- Quais são as suas expectativas ao se trabalhar com produção de

texto? As expectativas são poucas, pois iniciei um processo de escrita lento, ou seja, com produção de frases para até então trabalhar pequenos textos simples e curtos.

6- Quem são os seus alunos? (Qual o perfil socioeconômico? De onde vem?).

São de classe baixa, a maioria da zona rural, onde a maioria vem de famílias de pais analfabetos.

7- Considerando que uma parte da turma é da zona rural, pode-se dizer que eles têm a mesma facilidade e disponibilidade para participar de projetos ofertados pela escola?

Não tem não, pois os alunos da zona rural dependem de transporte e sendo no contra turno, muitas vezes não tem como esse aluno vir pela dificuldade de chegar até a escola.

8- Quais as situações mais difíceis que você enfrenta nesta turma quando se trata de ensino e aprendizagem?

Quando me deparo com alunos indisciplinados e que não deixam quietos os alunos que querem aprender.

9- O que a senhora tem a dizer de forma geral sobre a qualidade de ensino ofertada pelo município?

Acho muito boa, somos frequentemente avaliados e acompanhados pelos coordenadores e gestores da escola.

10- A escola é inclusiva? (Na turma tem algum aluno especial? Se sim, o que pode ser dito sobre em relação a aprendizagens, dificuldades e interação?)

Sim, tenho sim. É difícil mas desenvolvemos atividades diversificadas de acordo com a capacidade e o nível de cada um.

11- Quais são os métodos de avaliação?

Avaliamos através da sistemática de acompanhamento mensal, de atividades, simulados, ditados etc.

12 - Na sua turma ocorreram muitos casos de evasão? Se sim, a escola procurou intervir? Quais foram as justificativas?

Não teve nenhum caso de evasão.

13- Como a senhora avalia o nível da escrita de seus

alunos? Nível silábico, pois os que sabem ler, alguns tem dificuldades de escrever e outros que não leem não conseguem escrever.

APÊNDICE 2- Outras Produções da atividade de sondagem:

SONDAGEM

OBSERVE OS DESENHOS E ESCREVA NO QUADRINHOS AS NOMES CORRESPONDENTES

	BIOAO
	BOAUN
	UFAONU
	RANBO
	IOAEO
	BVAIA
	BIVAE
	GAUIME
	JOAUA
	IAOBD

SONDAGEM

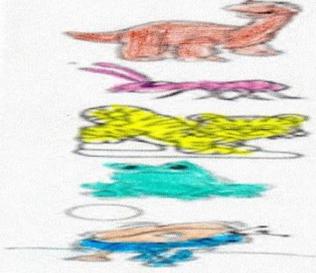
OBSERVE OS DESENHOS E ESCREVA NO QUADRINHOS AS NOMES CORRESPONDENTES

	DCNAO(5)ALRO
	FORNMITCA
	OM(5)ATC
	ADCNM J
	BRLK

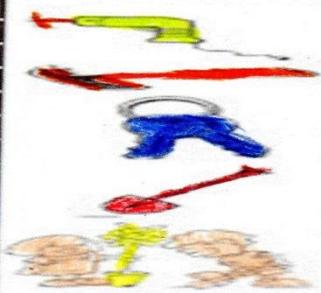
	OOPW
	TOR
	G P.Y
	OJR
	OMTCA

SONDAGEM

OBSERVE OS DESENHOS E ESCREVA NO QUADRINHOS AS NOMES CORRESPONDENTES



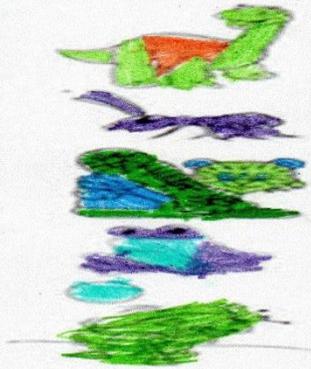
benesarte
 tomigou
 a sia
 saço
 siza



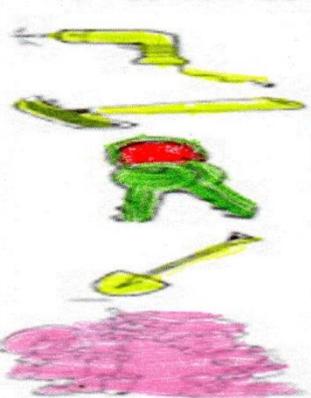
curabera
 matele
 enzele
 pã
 zadi

SONDAGEM

OBSERVE OS DESENHOS E ESCREVA NO QUADRINHOS AS NOMES CORRESPONDENTES



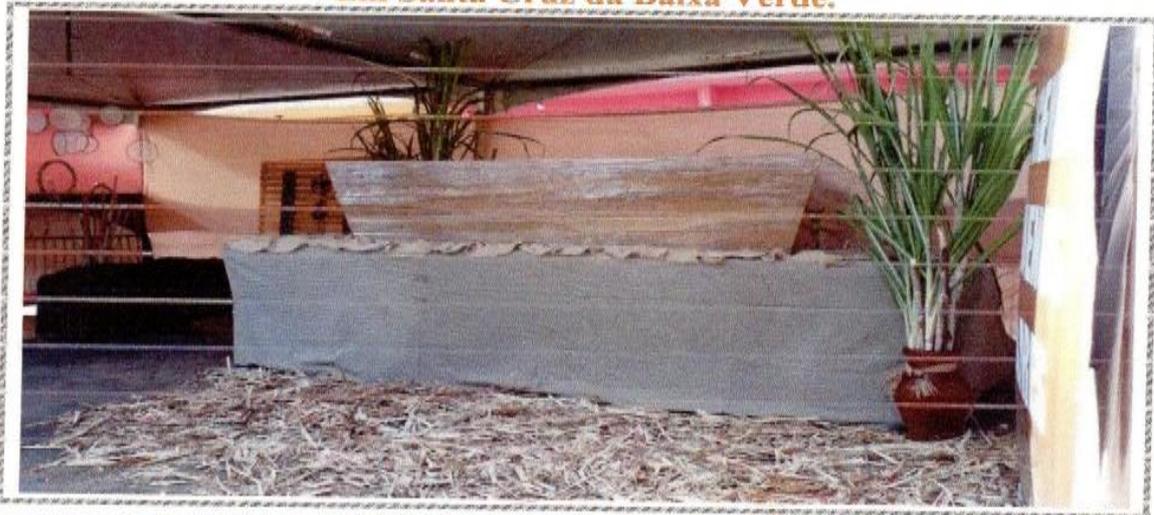
DINOSAUR
 FOMICHA
 O SIAA
 SAPO
 CICHARA



TONELA
 MATELO
 CHAVE
 Pã PA
 ROZA

APÊNDICE 3- Outras Produções da atividade de produção de Texto:

A FEIRA DA RAPADURA
Em Santa Cruz da Baixa Verde.



A feira-da-rapadura-em-santa-cruz-da-baixa-verde-expõe a maior rapadura do mundo. Produza um texto contando a sua experiência neste evento:

NOVUHSTRACOUVU DOUSSAVOSHTE
EOHSTVPAOB EDOUV DEUSACFT PUSV
OUUSTBEFOUUBCE FURCGVPOCDA QTSV
AOUESTCBT RBCDFFSUMINRABOUO
FOUSHRPEFBRCVOUSEM.PVROBUUSVGO
GAVNMRECFHBUVEFSVLUSMNBVSTPUS
GHUSNRECVBOUOF

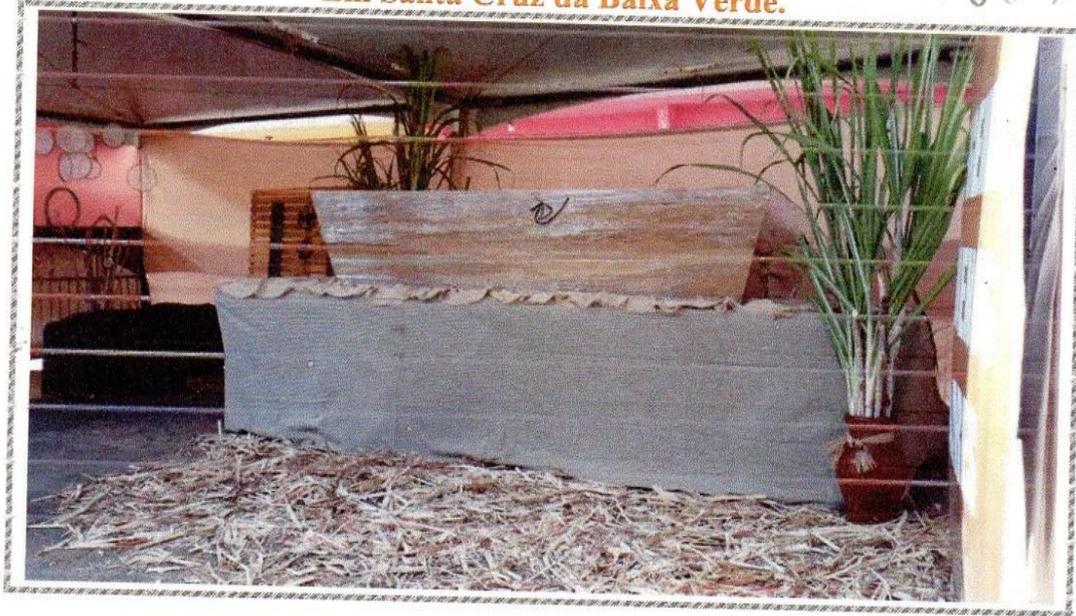
00

ABCDEFGHIJLUVNMOUWQASO

A FEIRA DA RAPADURA

Em Santa Cruz da Baixa Verde.

100 ✱



A feira-da-rapadura-em-santa-cruz-da-baixa-verde-expõe a maior rapadura do mundo. Produza um texto contando a sua experiência neste evento:

Meu nome é Rayssa você já foi
 pá festa da rapadura você mudou
 si você já foi porque pisei foto
 Na rapadura eu dancei lá na festa
 comi lanchi comi rapadura andei no
 parque eu si diver ti muito na
 festa da rapadura você já andou
 na dança é muito bom lá foi
 rapadura você gosta festa você
 si dineros estivel festa você vai